

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Marciela Macagnan da Rosa

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DA
ELABORAÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM

Passo Fundo

2014

Marciela Macagnan da Rosa

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DA
ELABORAÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM

Monografia apresentada ao curso de graduação em Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da prof^a. Ms. Maria Joana Chaise.

Passo Fundo

2014

Marciela Macagnan da Rosa

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DA
ELABORAÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM

Monografia apresentada ao curso de graduação em Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da prof^a. Ms. Maria Joana Chaise.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Ms..Maria Joana Chaise

Prof. _____ - _____

Prof. _____ - _____

Dedico este trabalho a minha mãe Leontina, que sempre esteve ao meu lado me incentivando e tornando possível este sonho, ao meu namorado Luís Paulo pela força e compreensão.

Agradeço primeiramente a Deus pelas oportunidades e pela força concedida. A professora orientadora Maria Joana Chaise, por ter recebido esta monografia, ter auxiliado e tirando todas as dúvidas. Também agradeço a minha mãe pelo incentivo de sempre, pelo amor pela paciência. Ao meu namorado pela compreensão nos momentos de tensão, pelo amor oferecido e também pela paciência em situações de nervosismo. Enfim, a todos que estiveram do meu lado me ajudando a tornar o sonho de ser jornalista realidade.

RESUMO

A presente monografia estudou o trabalho da jornalista Eliane Brum, a partir da narrativa usada em suas publicações em diferentes meios de comunicação. Além disso, examinar o jornalismo como construção da realidade, e a produção literária que se estabelece com o jornalismo. Este trabalho tem como objeto de estudo três publicações de Eliane Brum: uma narrativa do Zero Hora, um texto escrito pela jornalista na Revista Época e um texto do primeiro semestre de 2014 publicado no El País. O objetivo principal desta monografia foi identificar nas três publicações escolhidas as características do jornalismo literário a partir da definição de Felipe Pena (2006). Para fazer esta análise foi necessário ver a aplicação dos conceitos de Pena que são potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos fatos do cotidiano, ter uma visão extensa da realidade, ter cidadania, criatividade, evitar entrevistados de plantão e perenidade, como foram utilizados pela jornalista em suas reportagens, e por fim quais as características que ela mais utilizou nestes três textos. A metodologia de pesquisa é uma análise de conteúdo. A partir da análise, pode-se afirmar que os textos apresentam as características citadas por Pena, em especial a característica um, a três e a sete, que tem por objetivo respectivamente potencializar os recursos do jornalismo, ter uma visão extensa da realidade e ter perenidade, ficar na permanência.

Palavras-chave: Jornalismo. Teoria Construcionista. Jornalismo Literário. Eliane Brum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	9
1.1.Jornalismo e Literatura	12
2. CONSTRUÇÃO DO TEXTO NO UNIVERSO DO JORNALISMO LITERÁRIO	18
3. METODOLOGIA	22
3.1. Apresentação do Objeto.....	22
3.2.Metodologia de pesquisa	24
4. ANÁLISE	27
4.1. Síntese da Análise.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Características do jornalismo literário presentes nos textos analisados39

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo. O tema central é a produção jornalística utilizando a literatura empregada pela jornalista Eliane Brum em suas reportagens. Esta pesquisa busca avaliar o trabalho da jornalista Eliane, a partir da narrativa usada em suas publicações em diferentes meios de comunicação em que ela escreveu. Além disso, busca-se mostrar o jornalismo como construção da realidade, e a produção literária que se entrelaça com o jornalismo.

Este trabalho tem como objeto de estudo três publicações de Eliane Brum. Primeiramente uma história do jornal Zero Hora “A vida que ninguém vê”, posteriormente um texto escrito pela jornalista na Revista Época e por fim um texto do primeiro semestre de 2014 do El País. O tema foi escolhido pelo grande crescimento observado nos últimos anos da produção literária na escrita jornalística e pelo fato de jornalismo e literatura se distinguirem e se aproximarem, inevitavelmente.

O objetivo principal desta monografia é identificar nas três publicações escolhidas as características do jornalismo literário a partir da definição de Felipe Pena (2006). São sete itens diferentes que juntos formam um conjunto imprescindível. Segundo Felipe Pena, qualquer uma dessas características utilizadas já faz parte do jornalismo literário.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos. O primeiro dividido em duas partes, uma tratando da teoria construcionista e outra lembrando a aproximação de jornalismo e literatura, suas relações e suas diferenças. No segundo capítulo tratamos especificamente da construção do texto no universo do jornalismo literário. No terceiro serão apresentados o objeto de estudo e a metodologia utilizada. E por fim no quarto capítulo é apresentada a análise das três matérias.

1. JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

O paradigma das notícias como construções da realidade surgiu nos anos 1970, gerando pesquisas que ofereceriam uma guinada na produção da realidade, opondo-se à teoria do espelho. Essa orientação gerou um momento de virada na produção jornalística da época, em que as matérias escritas com construção eram vistas como ficcional, tirando o valor da realidade.

Assim a pesquisa dos anos 70 constituiu um momento de virada, com a emergência de um paradigma que é totalmente oposto a perspectiva das notícias como “distorção” e que também põe em causa diretamente a própria ideologia jornalística e a sua teoria das notícias como espelho da realidade. (TRAQUINA, 2005, p.168)

Estas duas perspectivas se diferem principalmente no ponto da tomada de decisão para formação da notícia através da ideologia jornalística seguida. “Nos estudos da parcialidade das notícias, a teoria das notícias como espelho não é posta em causa; nos estudos que utilizam a perspectiva das notícias como construção, a teoria do espelho é claramente rejeitada.” (TRAQUINA, 2005, p.168)

A teoria construcionista segundo Traquina (2005), rejeita a hipótese do espelho e justifica a rejeição dizendo que é impossível que ao escrever, o jornalista seja neutro, pois jornalistas escolhem termos, selecionam fontes, escolhem enquadramentos, informações, e com isso constroem a ideia do que é realidade Trata-se do conceito de notícias como histórias construídas a partir da realidade, por meio de artefatos linguísticos, organizacionais, sociais, culturais e aceitação do jornalismo como um complexo sistema engendrado por diversos agentes.

Assim, não é de estranhar que o paradigma das notícias como construção não só considere o conceito de distorção como inadequado e pouco frutífero, como, sobretudo discorde radicalmente da perspectiva das teorias que defendem que as atitudes políticas dos jornalistas são um fator determinante no processo de produção de notícias. (TRAQUINA, 2005, p.169)

Traquina (2005) afirma que esse “filão de investigação que concebe as notícias como construção” rejeita a noção de “notícias como espelho do real” por diversas razões:

Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os media noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião que os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos aspectos organizativos do trabalho jornalístico. (TRAQUINA, 2005, p.169)

As notícias como construção não são ficção, elas apenas são construídas com uma produção maior, sempre buscando a realidade, onde a grandeza destas notícias faz o leitor perceber a dimensão cultural que ela possui (TRAQUINA, 2005, p.170).

Schudson acrescenta que “as notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos qual a extensão de decisões que devemos tomar seriamente em consideração.” (SCHUDSON. 1982\1993 p.14)

Schudson ainda cita que a contextualização das matérias como estórias traz ao público uma forma de ver como as notícias são culturais, afinal as notícias são feitas por “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (1995, p.14)

Segundo Traquina (2005) essa elaboração de notícias as torna pequenas estórias, porém sempre com o propósito do “real”. As mesmas possuem também as formas literárias, a narração literária, ao contrário da notícia convencional que é escrita pela pirâmide invertida.

A construção da notícia segundo Gaye Tuchman (apud PENA, 2010, p. 129), deve ter a competência pela análise da organização, já utilizada pelo jornalismo para produzir fatos do cotidiano. Tuchman citado por Pena, fala de três obrigações que devem ser cumpridas ao fazer uma produção:

Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável; Elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático; Organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. (PENA, 2010, p.129)

Com isso Tuchman leva ao ponto que o processo de produção das matérias noticiosas é sim planejado como em uma empresa, tem limites organizacionais e procedimentos próprios do jornalismo. De fato, esses procedimentos e vários outros são utilizados pra a construção das notícias, e tendo autonomia os jornalistas podem participam

ativamente na construção da realidade. Em virtude disto, o jornalista é um participante ativo na construção da realidade:

Não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo. O que diminui a pertinência de alguns enfoques conspiratórios na teoria do jornalismo, como, por exemplo, o paradigma da manipulação da notícia. Assim, uma suposta intenção manipuladora por parte do jornalista seria superada pelas imposições da produção jornalística. (PENA, 2010.p.129)

Assim o jornalista escreve através da história contada pelo entrevistado, sem manipulação de ideias, mas seguindo o processo de produção exigido pelo meio em que trabalha. Uma matéria quando importante derruba as menos importantes, o que não quer dizer que o jornalista ou a emissora estão a favor de tal político, empresa, apenas foi seguido o ritual de produção do meio de comunicação (PENA, 2010, p.130).

Nesta construção entra a teoria do *newsmaking*, que segundo Wolf (1995) e Traquina (2005) rejeita a teoria do espelho. O jornalismo torna-se uma fábrica da realidade, possui uma sistematização dos critérios de noticiabilidade, valores-notícias, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção. Para Pena, esta teoria tem como prática a noticiabilidade, ou seja, é um conjunto de ideias para escolher dentre tantos fatos, as melhores notícias a serem divulgadas, a serem construídas, “de entre um número imprevisível e indefinido de fatos”, um meio de comunicação acaba por selecionar uma “quantidade finita e estável de notícias” (WOLF, 1995, p. 190).

A noticiabilidade é negociada por repórteres, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, que são os tais critérios de operações usados para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia. (PENA, 2010, p.p..130 e 131)

No *newsmaking*, a produção e a construção da notícia não se referem apenas “à cobertura de um acontecimento particular, mas ao andamento normal da cobertura informativa por períodos prolongados” (WOLF, 1995, p. 186).

Além disso, outra prática utilizada na construção da notícia é a sistematização do trabalho jornalístico, onde existem várias tarefas rotineiras, como pauteiros, repórteres e editores que têm suas funções, mas que depois se ligam (PENA, 2010, p.131).

Conforme refere BOURDIEU (1997), os jornalistas têm óculos diferentes onde enxergam algumas coisas e outras não. Como se escolhessem ver de certa maneira o que vêem, como se escolhessem o que querem ver. Com isso entra-se nos valores-notícia de

construção abordados por Wolf, onde ele diz que os valores-notícia são um componente da noticiabilidade, um critério que pode ser visto em todo o processo de produção. Para Wolf os valores-notícia são utilizados de dois jeitos:

São critérios de selecção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. Os valores/notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. (WOLF, 1995, p. 195).

Os valores-notícia estão constantemente presentes nas produções Jornalísticas. Segundo Wolf, são uma classificação rigorosa e que tem por objetivo atingir um forma prática de produção, tornando possível a repetitividade dos procedimentos utilizados, tornando um fato na total realidade.

É pensando nesta construção que se pode perceber a literatura inserida nas produções jornalísticas. Há tantos anos ela vem se entrelaçando com o jornalismo e tomando seu lugar na narrativa, apesar de ter é claro suas diferenças, que serão descritas no próximo capítulo.

1.1.Jornalismo e Literatura

“A diferença entre a literatura e o jornalismo é que o jornalismo é ilegível e a literatura não é lida.”
Oscar Wilde

O jornalismo e a literatura já têm uma vasta história juntos. Eles se aproximam e também se afastam, tanto em suas funções, como em suas produções ao longo dos anos. Iniciada a partir da última metade do século passado, em um momento em que a imprensa tornou-se moderna e industrial, foi nesta época que os jornalistas sentiram-se incentivados a usar a arte literária em suas reportagens, encontrando assim uma maneira de mostrar a realidade, narrando os fatos como um conto (LIMA, 1995, p.135).

Mais precisamente no século XIX iniciou a história da aproximação entre o Jornalismo e a Literatura, onde os escritores das redações tornaram-se jornalistas, assumindo o papel de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. (PENA, 2006, p.21).

Entre o jornalismo e a literatura existia em comum, nesses tempos pioneiros da era moderna, o ato da escrita. À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem. (LIMA, 1995, p.135)

Foi neste século que escritores famosos tomaram conta dos jornais e descobriram o espaço na mídia, estes, não apenas comandavam os jornais, mas eram eles que decidiam a linguagem a ser utilizada, e também o conteúdo a ser publicado, “e um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura.” (PENA, 2006, p.21).

A literatura no jornalismo foi tomando cada vez mais forma, pois, publicar narrativas literárias nos jornais aumentava a venda de jornais, diminuindo o valor dos mesmos, gerando assim um aumento no número de leitores. Além disso, foi se tornando mais visível, onde o “casamento entre imprensa e escritores era perfeito” PENA (2006). Na prática, foi uma troca de favores, pois os jornais queriam vender e os escritores queriam ser conhecidos, mas naquela época os livros eram caros, então surgiu esta ideia de literatura na imprensa diária. Porém, era necessário que os romances publicados tivessem um diferencial para agarrar o leitor, escrever bem, contar uma história com um bom texto, enfim segurar a atenção do leitor.

Então, Lima cita que o jornalismo no início buscava a literatura. Pouco depois era a literatura que se inspirava no jornalismo. Porém, o jornalismo continuava pobre perto da escrita literária. Hemingway tinha seus lembretes, conforme aponta Shaber:

Em resumo, ele pensava que a narrativa jornalística dependia do seu oportunismo e que escrever para cumprir cronogramas de fechamento resultava em análise superficial dos eventos. O repórter, encorajado a se contentar com visões rápidas e fáceis da realidade, registrava o que acontecia, em vez de porque acontecia. Mais importante ainda para Hemingway, a atividade jornalística exauria materiais e energia que poderiam ter sido canalizados para a ficção. Hemingway insistia que uma vez que as limitações do jornalismo fossem absorvidas por um escritor, elas continuariam a limitá-lo inconscientemente quando se dedicasse à ficção (SHABER apud LIMA, 1995, p.144).

Mas os jornalistas acabaram sentindo-se inclinados a escrever literariamente, encontrando assim uma maneira de narrar uma história viva para o leitor, enriquecendo as notícias de detalhes e de realidade. (LIMA, 1995, p.135)

Segundo Lima (1995), a literatura e a imprensa foram confundindo-se até os primeiros anos do século XX. “Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura na época” (LIMA, 1995, p.136).

Além disso, Pena (2006), enfatiza que os jornalistas comprometidos encontraram no jornalismo literário uma alternativa para continuar escrevendo boas matérias, pois segundo o autor o jornalismo “vem se transformando, salvo raras boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização” (PENA, 2006, p.13).

A fórmula do *lead* deixou a imprensa mais rápida, porém segundo Pena, falta criatividade, elegância e estilo. “É preciso então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.

Mas Pena (2006) esclarece que o jornalista literário não deixa de lado o que aprendeu no jornalismo factual, ele apenas o usa de uma maneira, que acrescente à sua profissão e as suas produções.

A questão não é negar o caráter primordial do jornalismo, muito menos levá-lo a outra forma de desenvolvimento. Jornalismo jamais será Literatura e Literatura jamais será Jornalismo. O que se discute neste trabalho é a combinação de ambos em reportagens que aproximem o leitor do real e não apenas o informem de forma estandardizada. (HOFFMANN, 2014, p.4)

Absorver o jornalismo literário não quer dizer deixar de lado o que foi aprendido no jornalismo diário, nem inutilizar as técnicas de narrativa, mas sim usá-las de tal maneira que as mesmas aumentem as estratégias profissionais ao relatar um fato, seguindo uma abordagem técnica, uma boa apuração. Isso também faz parte do jornalismo literário, cita Pena (2006). Buscar estas novas técnicas não quer dizer que a matéria vai ser direcionada para a fantasia. Estas técnicas da literatura são utilizadas para escrever uma matéria com melhor qualidade, citou Hoffmann.

É óbvio o compromisso que o texto jornalístico tem com a veracidade, e é ao mesmo tempo evidente que a literatura é baseada na ficção, mas não devemos nos

valer apenas deste princípio, sendo que ele pode ser flexível. A relação entre jornalismo e literatura anda por caminhos muito mais abrangentes que mostram um horizonte de possibilidades. (HOFFMANN, 2010, p.5)

A primeira característica citada pelo autor pode ser entendida pelo fato de que Pena recomenda que o jornalista deva ultrapassar os limites do factual. Ou seja, o jornalismo acaba rompendo com duas características básicas: a periodicidade e a atualidade. O jornalista tem uma maior liberdade, não está mais a mercê do deadline, a hora que é necessário fechar o jornal. E também não precisa se preocupar com a novidade para o leitor, ele precisa explicar da forma mais ampla uma realidade.

A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p.14).

Uma matéria literária também não pode ser efêmera ou superficial. O diferencial dela é que o objetivo é ficar na permanência e não cair no esquecimento como uma matéria do factual, cita Pena.

Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA 2006, p.15).

Matérias literárias são histórias reais, sem disfarces, escritas através de uma grande produção, com um olhar diferenciado sobre os acontecimentos e o jornalista precisa ter esse faro, ir atrás de mais do que apenas uma pequena notícia. Os jornalistas precisam dar voz a pequena sociedade:

Os autores realmente se atiravam no mundo individual-social que os intrigava, criando empatia conosco de várias maneiras: pela inspirada observação de padrões cotidianos, pela recuperação de memórias aparentemente perdidas, pelo contato com mundos diferentes dos seus, ou pela incursão certa rumo o entendimento de coisas que estavam bem debaixo do seu nariz. Tudo isso sem necessidade de se re-invetar a roda. Tudo isso apenas resgatando o que o jornalismo mais sabe (ou deveria saber) fazer: reportagem em profundidade. (BOAS, 2007, p.8)

Entretanto, Lima não vê uma barreira entre jornalismo e literatura. Alguns jornalistas não admitem que estejam escrevendo matérias e utilizando nelas técnicas da literatura, porém muitas vezes elas nem são percebidas pelos leitores.

Há jornalistas que fazem questão de dizer: “Nós somos jornalistas, nós fazemos jornalismo, isto é jornalismo. Não tem nada a ver com literatura”. Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários (LIMA, 1995, p.139)

Ambos, jornalismo e literatura se encontram em suas produções e trocam estilos, um pode ter do outro, utilizando suas técnicas. Porém cada um com suas diferenças como, por exemplo, a principal delas, que é a notícia/reportagem ser real e a literatura ficcional.

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 1995, p.138)

Segundo Sodré (1986) a reportagem literária aumenta a história do fato, a torna mais clara e mais completa perante uma notícia comum. Uma reportagem tem força quando chega ao leitor de uma forma que ele queira ler até o final, e a narrativa literária ajuda essa parte da escrita da reportagem, como se o leitor estivesse lendo uma notícia em forma de conto. Para escrever jornalismo literário é preciso criatividade, sensibilidade, no momento de coletar os dados, no momento de escrever a matéria e também é necessário saber fazer cortes para que continue retendo o leitor ao fato.

Neste momento da história, segundo Castro (2002) ainda temos uma presença grande de escritores trabalhando na imprensa, e em muitos artigos, crônicas e notícias reais está presente a melhor prosa atual. “Quiçá isso seja devido ao papel desempenhado pelos suplementos culturais, ao auge do articulismo literário, a recuperada presença do conto e a publicação na imprensa, por entrega, de obras de ficção” (CASTRO, 2002, p.16)

Agora se pode internalizar com clareza profunda que o jornalismo literário, por exemplo, é uma entre as várias alternativas para a oxigenação dos textos às vezes herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) ou banais (dos noticiários). As reportagens especiais de fôlego estão retornando ao cenário, aqui e lá. E então podemos reafirmar que a índole do jornalismo literário é exatamente fazer que conteúdo e forma sejam parceiros de uma mesma aventura. (BOAS, 2007,p.10)

E é necessária muita entrega do jornalista literário, pois, ele precisa identificar emoções, olhares, pequenos gestos. É necessário ter intuição e muita emoção para compreender cada palavra que o entrevistado falar, pois, cada uma tem um significado diferente, em cada palavra é possível descobrir uma parte da história da pessoa. O jornalista precisa ter uma maneira própria de entender e adequar cada ideia ao seu texto:

O jornalismo literário é um campo de tecnologias narrativas comprovadas ao longo de sua história. O novo autor que entra nesse fluxo de experiências acumuladas dá-se à tarefa de aprender a tradição da qual passa a ser herdeiro. Vê-se diante do árduo desafio de absorver as soluções já pavimentadas por inúmeros outros autores do passado e do presente, diante da missão inicialmente assustadora de se contar uma boa história real. Cotar com fidelidade, com precisão, mas também com gosto, estilo, prazer. Tudo emoldurado por um modo pessoal de contar, aquele modo que nenhum outro ser humano dos bilhões que somos, fomos e seremos tem, teve ou terá. Sua assinatura única, a voz singular de dizer por escrito. (BOAS, 2007, p.11)

Jornalismo literário precisa ser sentido tanto pelo entrevistador quanto pelo entrevistado. O desafio é grande, mas é possível de diversas maneiras, pois o bom jornalista tem isso na veia, nas lágrimas, na face, no sorriso, como diz Sergio Vila Boas (2007, p.12) “pois contar histórias genuínas é prazer. Mas também pode ser amor, cura.

Diante do exposto, pode-se compreender que jornalismo e literatura se entrelaçam há muitos anos, transformando o texto jornalístico mais pobre de informação em uma matéria chamativa ao leitor, mas sempre com o propósito do real. No próximo capítulo, através da conceituação proposta por Felipe Pena e outros autores, será discutida a composição e a construção do texto jornalístico literário.

2. CONSTRUÇÃO DO TEXTO NO UNIVERSO DO JORNALISMO LITERÁRIO

“Olhar é um exercício cotidiano de resistência”.

Eliane Brum

Iniciamos este capítulo com o dizer de PENA, (2006) diz que o óbvio nem sempre é percebido. É pensando nisso que jornalistas presos à produção cotidiana procuram novas ideias para incrementar suas produções. Muitas vezes eles encontram como saída o jornalismo literário.

Construir um texto literário é bem mais complexo do que se pode imaginar, pois não é apenas fugir da prisão da redação, a tentativa é bem mais ampla:

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocrática do lead, evitar os definidores primários, e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p.13)

Conforme Castro (apud BORGES, 2013, p. 219) a relação entre jornalismo e literatura é múltipla e com muitos diálogos. É claro com suas peculiaridades, mas o autor cita que “há textos que podem superar a diferença categorial entre ficção e realidade” (BORGES, 2013, p. 219).

A hibridização se dá, até com naturalidade, porque jornalismo e literatura mantêm aproximações inevitáveis. Eles são produtos da linguagem, estão na esfera da narração, apoiam-se na referenciação com o mundo tangível, constroem discursivamente cenas e personagens. Barthes alega que “se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BORGES, 2013, p.219).

Segundo Olinto (apud BORGES, 2013) jornalismo e literatura estão ligados pelas palavras, pois palavras que servem para transmitir um fato bom, servem também para uma notícia ruim. “O escritor concorda com a expressão de que jornalismo é a “literatura sob pressão” e diz ver muitas possibilidades de incluir a produção literária nas páginas dos jornais, não como folhetins ou crônicas, mas inserida nas modalidades informativas tradicionais” (OLINTO apud BORGES, 2013, p. 220)

Para explicar algumas ideias, Pena (2006) desenvolveu o conceito de Estrela de Sete Pontas, onde é explicado cada passo para uma construção jornalística e literária. Para ele, são as sete pontas necessárias e imprescindíveis, “formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela” (PENA, 2006)

Na primeira ponta da estrela, o autor explica que é necessário potencializar os recursos do Jornalismo, ou seja, o jornalista literário não deve deixar de lado o jornalismo diário, mas sim usá-lo a favor da nova escrita: “Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2006, p.14).

Na segunda ponta, o autor aconselha ultrapassar os limites dos fatos do cotidiano. Esta ponta, ou dica, em outras palavras, significa romper com duas características do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Melhor dizendo, quer dizer que não é mais necessário ter que fazer tudo correndo para o fechamento de um jornal ou revista, e nem precisa se preocupar tanto com a novidade. O necessário é ter um olhar diferenciado e ultrapassar a fome de novidade do leitor.

Na terceira ponta, a característica aconselhada é ter uma visão extensa da realidade. A explicação do conceito do autor pode ser compreendida por uma frase da própria Eliane Brum: “Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir.” (BRUM, 2006)

O jornalismo literário procura então dar a informação da maneira mais ampla possível:

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p. 14)

Por isso o jornalista precisa ter uma bagagem cultural extensa para poder organizar as informações relacionando com fatos que já aconteceram, situações vividas, dando mais realidade e abordagens à matéria.

A quarta ponta, ou dica de Pena (2006) para a concepção de um texto com características de jornalismo literário tem como enfoque a o conceito de cidadania (Cidadania é o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais estabelecidos na constituição. A cidadania certa implica que os direitos e deveres estão interligados, e o respeito e cumprimento dos dois contribuem para uma sociedade mais tranquila), “tão mal utilizado por quem não tem qualquer compromisso com ele que caiu em descrédito” (PENA, 2006,p.14). Que hoje é um conceito pobre para muitos jornalistas, se fazem de esquecidos, deixando de lado o que juraram em colação. Uma reportagem deve ser escrita pensando no leitor, em como seu texto vai contribuir para a formação cultural do cidadão, pensando no bem de todos, na bagagem cultural que esta informação vai proporcionar às pessoas.

Romper com as correntes do lead, que é uma maneira de escrever introduzida no jornalismo por jornalistas americanos, para dar mais objetividade aos fatos, é a quinta ponta da estrela citada por Pena (2006). De acordo com o autor, o ideal é buscar fugir desta fórmula, colocando mais criatividade nas informações de abertura do texto, levando ao leitor um texto mais completo.

A sexta ponta da estrela definida por Pena (2006) para designar as características de jornalismo literário diz respeito a evitar os definidores primários, os famosos entrevistados de plantão. Isso acontece porque no jornalismo diário não há tempo para procurar novos entrevistados, então na pressa a lista com fontes oficiais aparece, e por ser mais cômoda é com esses personagens que são criadas as reportagens. O autor acredita que isso deve ser evitado em textos literários, pois, é preciso criar novas alternativas, ouvir o cidadão que vive o cotidiano, fontes anônimas, diversos pontos de vista que só acrescentarão o texto.

Por último e não menos importante a sétima ponta evidência a perenidade, ou seja permanência:

Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. (PENA, 2006, p.15)

Para isso acontecer é necessário mais que o lead, é preciso uma construção profunda, levando em conta que a realidade tem diferentes faces, contadas de diferentes maneiras, por cada entrevistado, pois cada um tem seu ponto de vista, sua bagagem, e isso influencia a maneira de ver o fato. É necessário ir às ruas, sair da masmorra da redação. É o que Eliane Brum cita:

Tenho pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas predeterminadas. Donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros. Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter.(BRUM, 2006, p.193)

O jornalista precisa do jornalismo literário para conseguir contar histórias reais de uma maneira mais ampla, sem distorções, sem timidez. Precisa deixar o entrevistado a vontade para contar sua vida como conta a um amigo:

Porque o jornalismo literário é muito isso: narrativas centradas em pessoas. A primeira pessoa de todas é o próprio autor, que precisa mergulhar na realidade com alma, fé, força, lucidez, emoção e inteligência. Precisa vencer a barreira de si mesmo, entender a mão, o olhar, o coração e a mente para o outro, para o mundo desconhecido e estranho lá fora, e que mobiliza sua alma na jornada da descoberta. (BOAS, 2007, p.11)

A vontade de todo jornalista é permanecer por épocas na história das Pessoas. É ser lembrado por uma boa matéria escrita, ser procurado por ela, como diz Pena, um dos motivos mais importantes para se escrever é o medo da morte, e para permanecer, Pena, cita que as associações do cérebro são as medidas mais eficazes para manter a conservação de ideias.

3. METODOLOGIA

3.1. Apresentação do Objeto

Neste capítulo, será apresentado o objeto de pesquisa de três diferentes meios de comunicação. E logo em seguida busca-se apresentar a metodologia de pesquisa.

Primeiramente apresenta-se a jornalista autora dos três textos a serem analisados. Eliane Brum, jornalista, escritora e documentarista, nasceu em Ijuí no RS, em março de 1966, é graduada em 1988 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) já ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. Como escritora, Eliane publicou os livros: Uma Duas, Coluna Prestes – O avesso da lenda, A vida que ninguém vê, O olho da rua - uma repórter em busca da literatura da vida real e A menina quebrada. Sendo documentarista, a jornalista foi codiretora de dois documentários: Uma História Severina, em 2005, e Gretchen Filme Estrada, em 2010. (Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/> Acesso em: 02/11/2014)

Seu primeiro trabalho na área do jornalismo foi um estágio na Zero Hora (RS), em 1988, onde ela foi escolhida através de um trabalho, lá ela ficou por onze anos. No fim dos anos 90 começou a assinar a coluna “A vida que ninguém vê”, e deixou o jornal logo em janeiro de 2000. Então Eliane foi para São Paulo trabalhar como repórter da revista Época, onde ficou até março de 2010. Atualmente, assina uma coluna quinzenal publicada no portal de notícias El País Brasil. (<http://www.portaldosjornalistas.com.br>)

Eliane tem características muito pessoais de escrever suas reportagens. Ela escreve com o intuito de deixar a matéria ser orientada pelo protagonista. Suas temáticas abordam pessoas, muitas delas comuns, e seus problemas reais, do cotidiano, em um formato diferenciado.

A ideia estava ancorada na convicção de que tudo – até uma gota de água pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna. (BRUM, 2006, p. 13)

As suas reportagens têm uma linguagem narrativa e literária, por meio das quais ela prende o leitor a seus textos e impressiona. As matérias de Brum são diferentes das matérias publicadas convencionalmente, principalmente em mídias tradicionais. Ela foge totalmente do conceito padrão, do lead e da pirâmide invertida. Seus textos são totalmente

contados pela história do personagem, colocando assim uma de suas técnicas principais que é o relato humanizado.

Sim, aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto (RECH apud BRUM, 2006, p.14).

Ela trata seus personagens como “principais” e não como a maioria da imprensa que os deixa como secundários em um fato. Possui uma técnica de ir até o seu personagem, não gosta de jornalista que não quer estar onde deve estar na rua:

Já é um clássico: Ricardo Kotscho, repórter que faz o posfácio deste livro, abismava-se com os colegas mais jovens que não desgrudavam da cadeira da redação e conheciam os entrevistados apenas pela voz no telefone. Cunhou o termo reportagem externa. O correspondente no jornalismo a “chuva molhada” ou “entrar para dentro”.(BRUM, 2006, p.190)

Eliane preenche espaços, mantêm uma relação próxima com seus personagens, afinal eles é que fazem a história.

Para estudar as características do jornalismo literário produzido pela autora e buscar compreender se seus textos se enquadram no que Pena (2006) referencia como jornalismo literário, escolheu-se aleatoriamente três textos publicados em diferentes períodos da trajetória profissional de Eliane Brum.

O primeiro texto analisado foi publicado originalmente no jornal Zero Hora, depois publicado na íntegra no livro escrito por Eliane Brum em 2006 “A vida que ninguém vê”, tem como título “**O doce velhinho dos comerciais**”, que traduz uma história de um senhor que fazia comerciais sempre com o sorriso no rosto, apesar de seus problemas pessoais. O velhinho passou por muitos sofrimentos na vida, era judeu, e por isso foi perseguido, perdeu o pai na Primeira Guerra, passou pelo tão sofrido holocausto, perdeu a família, entre tantas outras dificuldades que a repórter retrata no texto.

Em seguida analisa-se o texto escrito pela jornalista na Revista Época em 2013, intitulado “**A mulher que nasceu com 10 anos**”. Eliane Brum trata neste texto, primeiramente da senhora Zenaide, uma parteira que iniciou esta tarefa aos 10 anos de idade. “É preciso compreender que o primeiro parto de uma parteira é sempre um duplo: marca o nascimento do bebê e também o nascimento da parteira”, e isso continua para a vida inteira. Zenaide sofreu agressões e perdeu um olho, porém continuou sua saga com a profissão que

amava. No texto Eliane conta a história também de Mara Régia, uma radialista na Amazônia, em um lugar onde as pessoas só têm a ela para levar uma notícia, uma companhia. Foi Mara a mulher-ponte que mostrou ao mundo a história de Zenaide.

Por fim, é analisado o texto do primeiro semestre de 2014, do El País, “**A potência de Adelir**”. Nesta publicação, a jornalista apresenta a história da senhora Adelir, grávida, e muito pobre ela foi tirada de sua casa pela polícia e levada ao hospital para ter sua bebê por meio de uma cesariana, contra sua vontade. Isso porque no dia anterior ela se negou a fazer a cesariana pelo SUS. Então, As médicas que não aceitaram a decisão de uma pobre moça deram início ao processo de sujeição, obrigando-a a ter sua filha. “Medicina e Justiça uniram-se para submeter Adelir, tornando público o que é privado”. Além da história de Adelir, Eliane fala de muitas outras mulheres que saíram às ruas buscando retomar o controle do próprio corpo.

Essas histórias da vida real, do cotidiano de personagens muitas vezes anônimos, serão analisadas no próximo capítulo, porém antes será explicada a metodologia desta pesquisa.

3.2. Metodologia de pesquisa

A metodologia utilizada neste trabalho é uma análise de conteúdo de três matérias escritas pela Jornalista Eliane Brum. Inicialmente do Jornal Zero Hora “A vida que ninguém vê” de 2006, a história escolhida foi “O doce velhinho dos comerciais”. Trazendo um pouco mais próximo da atualidade o texto escrito pela jornalista na Revista Época em 2013, intitulado “A mulher que nasceu com 10 anos”, e um texto do primeiro semestre de 2014 do El País, “A potência de Adelir”.

Estes textos foram escolhidos intencionalmente pela leitura dos materiais produzidos pela jornalista e por esses serem os que mais chamaram a atenção da pesquisadora. Os textos não seguem uma sequência de ideias, são textos escolhidos aleatoriamente. A amostragem é intencional – com o objetivo de demonstrar a diversidade de temas e veículos diversos, ou seja, três tempos da carreira profissional da repórter em veículos diferentes, possibilitando verificar também se as características da produção da repórter permanecem nos distintos veículos.

Os mesmos serão analisados através da definição de Pena (2006) sobre jornalismo Literário e de outros autores. Primeiramente será avaliada a forma como a

realidade é construída a partir dos textos, de acordo com a teoria construcionista além de destacar a aproximação do jornalismo e da literatura.

A análise pretende identificar características do jornalismo literário a partir da definição de Pena (2006), da Estrela de Sete Pontas que segundo ele são sete diferentes itens, todos necessários, que forma um conjunto harmônico e místico. Para fazer esta análise será necessário ver aplicação das características de Pena, como foram utilizados pela jornalista em suas reportagens, e por fim quais as que ela mais utilizou nestes três textos.

A análise de conteúdo segundo Bardin (2009) é um método que forma um conjunto de técnicas de análise formando uma descrição do conteúdo das mensagens.

...descrever a história da análise de conteúdo é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posterioridade os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p.15).

De acordo com Herscovitz (2007), a tendência atual da análise de conteúdo possui duas visões: qualitativa e quantitativa, de forma que os conteúdos manifesto e latente sejam incluídos em um mesmo estudo, para compreender não somente o significado aparente do texto, mas também o significado subentendido, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido. Ainda, de acordo com a autora, esta análise pode ser empregada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, e também para descrever e classificar características da produção de indivíduos.

Bardin define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 42).

Hercovitz (2007) propõe uma definição somente atrelada ao jornalismo:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em

categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERCOVITZ, 2007, p. 126-127).

Compreende-se, portanto, que a análise de conteúdo inicialmente é uma avaliação análise qualitativa, e posteriormente de interpretação quantitativa, onde prevalecerá a frequência do conteúdo manifesto em análise. Esse balanço, conforme Hercovitz (2007) considera o conteúdo oculto, subentendido a partir do geral dos textos, do conjunto onde eles aparecem dos meios de comunicação que o veiculam e do público que os recebe.

4. ANÁLISE

Para atingirmos os objetivos deste trabalho, serão analisadas três matérias da jornalista Eliane Brum, de diferentes meios de comunicação em que ela trabalhou. Em cada uma delas foi analisado quais dos conceitos de jornalismo literário, a partir da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006) podemos perceber e como eles são descritos em alguns trechos. Ao final, quais os conceitos da Estrela que mais aparecem nos três textos, entendendo como a produção de Eliane é feita.

Matéria 1 – “O doce velhinho dos comerciais”

Esta matéria entre as três escolhidas para análise considera-se que é a mais emocionante, até por que ela conta diretamente toda a história de um personagem. O texto que está inserido no livro “A vida que ninguém vê” (2006) da jornalista Eliane Brum, possui sete páginas de muita emoção, tristeza, alegria, história e vida.

O texto não segue uma ordem cronológica dos fatos, pois, inicia contando como o doce velhinho chamado David Dubin estava no tempo da matéria e posteriormente conta a história dele.

Analisando o texto podemos verificar que a primeira característica da Estrela de Sete Pontas está em praticamente todo ele, ou seja, a potencialização dos recursos do jornalismo aparece de maneira bem visível. Apresentamos alguns exemplos abaixo:

Que seja o desejo do futuro e o espectro do passado. Que seja um passado que não viveu no mundo da imagem e um pretérito que não consegue esquecer do mundo real. Esse é o paradoxo de David Dubin é, com seu avesso de morte, a possibilidade da vida. Porque a vida só é possível quando cada um consegue, apesar de seu holocausto pessoal, ser também o doce velhinho dos comerciais. (BRUM,2006, p.140)

Foi assim que David descobriu que a guerra não acabaria. Estava no coração dos homens. Batendo de casa em casa, era um sobrevivente estropiado e quase louco de dor, perguntando pelos seus. Não achou nem casa. Nem família. De frases esparsas e temerosas reconstruiu o assassinato daqueles que amava. (BRUM,2006, p.141)

Anos depois alcançariam o Brasil. Quando desembarcaram no Rio de Janeiro, um judeu desconhecido os esperava no porto. Ofereceu um maço de cigarros. David Dubin chorou. Era a primeira vez em sua vida que fumava um cigarro inteiro. Não falava uma palavra em português, não tinha um tostão. De seu, só um passado que não poderia esquecer e uma família de sobreviventes. (BRUM,2006, p.145)

Em praticamente toda a matéria Eliane permitiu que o doce velhinho sentisse empatia por ela, fez com que ele recuperasse memórias, mesmo que ruins para contar ao mundo uma história real e surpreendente. Nestes trechos vemos como David se familiarizou com a jornalista e contou detalhes tristes que poderiam nem sequer ser lembrados por ele:

Ali, pisando sobre sua vida assassinada, David descobriu que sua família não havia sido morta pelos nazistas. Eles haviam sido apenas mandantes. Sua família foi morta pelos melhores amigos, pelos vizinhos de porta. Pelos ucranianos e lituanos que dividiam seu bairro miserável. Os seus foram mortos por aqueles com quem conviveram por uma vida, com quem haviam trocado as boas e más notícias, padecido da mesma fome. (BRUM,2006, p.141)

- Os nazistas me surraram tanto que eu já não sentia mais dor. Pedia que me matassem porque tinha parado de sentir. Tempos atrás, um médico aproximou-se com uma injeção. David saltou sobre ele. Só o soltou quando a seringa desapareceu de suas mãos. Dias atrás, deu uma palestra a estudantes. Quando olhou para a platéia, ela havia se transformado em um exército de nazistas. David começou a tremer. (BRUM, 2006, p.145)

A jornalista inseriu os recursos do jornalismo diário e os bons princípios da redação em um texto, onde promoveu uma incursão ao entendimento da história.

Posteriormente verifica-se que a segunda característica, que aconselha “ultrapassar os limites dos fatos do cotidiano”, segundo, Pena (2006), rompendo com a periodicidade e a atualidade, está presente no texto, afinal é uma história da vida real, mas que não é um fato que aconteceu naquele momento. É uma história de anos, que chega até o que estava acontecendo no decorrer da entrevista. Eliane vai intercalando o texto com partes do passado e do presente.

A guerra de David Dubin tem bem mais de dois mil anos. E ele nasceu em muita má hora. Aos cinco anos, o pai foi fuzilado na Primeira Guerra. No intervalo entre uma e outra, David cresceu apanhando nas ruas por ser judeu, sem direito ao futuro por ser judeu. Sem conseguir casar com a mulher que amava porque era pobre demais. Sem sapatos, comendo um pepino ou um pão duro por refeição. (BRUM, 2006, p.143)

Na atualidade, a jornalista destacou o fato de depois de todas as passagens ruins da vida de David, ele estar agindo tranquilamente em seu cotidiano, sendo o doce velhinho, visto em vários comerciais. Claro sem mencionar memórias, que ele mesmo confessou que não contaria toda a história. “Há coisas que não devem ser ditas. E há tragédias que morrerão com ele”.

A terceira característica é a visão extensa da realidade. A mesma pode ser percebida em vários trechos no texto. Como a própria autora afirma, "olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir” (BRUM, 2006, p.13). Nesta matéria, Eliane percebeu o velhinho dos comerciais com um sorriso no rosto, porém, ela não sabia o que encontraria, mas sabia que por trás daquela face com certeza existia uma história, uma história que ela contou com fidelidade, com emoção, pois, a bagagem cultural dela ultrapassou os limites da história. Visualizamos esta característica neste trecho a seguir:

David Dubin batizou a si mesmo de Ian Krinstalski. Foi esse nome que carregou durante a guerra. A cada noite os arrancavam do galpão e os contavam. O décimo era fuzilado. David fugiu mais de uma vez. Voltou para Pinsk, ocupada então pelos russos, ao final de 1939. E se casou com o seu amor porque era um mundo sem tempo. E fizeram uma filha no meio da morte. Logo, em 1941, os alemães ocuparam a cidade.(BRUM, 2006, p.146)

O que Pena (2006) compreende como a quarta ponta da Estrela de Sete Pontas que caracteriza textos de jornalismo literário é a produção preocupada em contribuir com a formação social do cidadão, ampliar sua cidadania, ter um compromisso com a sociedade em geral, de informá-la e contribuir para sua bagagem cultural. Percebe-se, a partir da análise deste texto, que essa característica está presente inicialmente pela abordagem do tema, pode-se perceber que ela escreveu a reportagem pensando no leitor. Em boa parte do texto ela conta a história triste de David, e vai intercalando com coisas boas em meio a tantas

tragédias, tentando mostrar que apesar das coisas ruins as boas sempre estão por perto para aparecer em qualquer momento.

O décimo era fuzilado. David fugiu mais de uma vez. Voltou para Pinsk, ocupada então pelos russos, ao final de 1939. E se casou com o seu amor porque era um mundo sem tempo. E fizeram uma filha no meio da morte. (BRUM, 2006, p.143)

Foi com isso, e com a coragem, que David Dubin iniciou a vida depois da morte. Montou uma fabriqueta de vestidos e começou o seu comércio em Porto Alegre, onde um irmão o esperava. Há quase 15 anos, o coração de Olga desistiu de bater. David seguiu sua existência. Canta em coral, faz mágicas, até pouco tempo dançava. Preside um grupo de terceira idade com o nome Viva a Vida. (BRUM, 2006, p.146)

A quinta característica da Estrela proposta por Felipe Pena busca fugir da fórmula do *lead*, que “é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa”, (PENA, 2006, p.14) e colocar mais criatividade nas matérias.

E isso é o que não falta no texto de Brum, só pelo fato de a matéria ter uma abordagem, com uma dinâmica de intercalar fatos do passado e presente, deixando o texto mais leve. Ela foi até o apartamento do entrevistado onde estava a história contada em retratos da sua sala, ela buscou conhecer toda a vida do velhinho e percebeu nele as duas partes de sua vida, apresentando-as já na abertura do texto:

David Dubin é o seu nome. Enquanto aparece nas telas de TV com seu sorriso doce, há outro igual a ele que desperta à noite vendo sempre o mesmo filme de horror. Um e outro são o mesmo. David Dubin está vivo por que ambos são verdadeiros. Esquecer não é possível, viver sim. (BRUM, 2006, p.146)

Ela busca de formas mais leves contar toda a trajetória de um senhor do cotidiano, uma história trágica. Ela completa partes tristes com trechos mas breves e mais tranquilos:

David aprendeu há muito tempo que lembrar é viver de novo. E quando ele começa a contar, logo precisa parar, porque os olhos embaçam, o corpo treme e o coração ameaça se abrir mais uma vez. Outras vezes, a história é interrompida porque a moça da agência de modelos liga requisitando-o. Em seguida é a funcionária da produtora. Depois de contar sua trajetória de morte, David fez um comercial para uma rede de farmácias. Era de novo o doce velhinho dos comerciais. (BRUM, 2006, p.142)

Eliane também usa o que vê para contar da maneira mais intensa possível a história, levando ao leitor uma matéria mais completa.

A sexta característica tem como objetivo evitar os definidores primários, ou seja, os entrevistados de plantão, ir atrás de novas pessoas, do cotidiano, com histórias boas e reais. Sair da redação e procurar boas reportagens que rendam uma formação cultural ao leitor. Eliane fez isso só por escolher o velho Dubin como personagem

Toda vez que as produtoras precisam de um vovô amoroso, de um senhor idoso que alcançou a plenitude da vida com o rosto da saúde e da bonança, é a ele que procuram. O doce velho dos comerciais. Com um neto no colo, numa cadeira de balanço, de braço dado com uma avó ou simplesmente mirando o horizonte na certeza do futuro. Esse é o doce velho dos comerciais. Seu nome, David Dubin. (BRUM, 2006, p.141)

A sétima e última característica proposta por Pena (2006) busca a perenidade, a permanência da matéria no tempo. Compreende-se que a tarefa é cumprida inicialmente pelo texto ter sido escrito em 2006 e se manter atual para a leitura hoje. Ainda, pode-se perceber pela análise que o texto do personagem retrata uma história que não faz parte da realidade dele apenas, mas de tantas outras pessoas, e que não vai deixar de acontecer, apesar de os fatos mudarem, o que pode ser evidenciado no trecho: “– Minha família foi morta pelos vizinhos de porta. Uma frase que poderia ser dita agora por um palestino”.. É uma história que lembra vários acontecimentos antigos e que serão permanentes na vivência da humanidade atualmente.

Matéria 2 – “A mulher que nasceu com 10 anos”

Esta segunda matéria entre as três é a mais instigante, pelo fato de tratar de um assunto pouco trabalhado nos meios de comunicação.

O texto divulgado no site da revista Época em 01 de julho 2013 segue uma ordem de fatos e acaba por contar duas histórias, uma mais a fundo, porém conta outra nas entrelinhas. A narrativa mais a fundo é sobre Zenaide de Souza Carvalho, parteira. Implicitamente é contada a história de uma radialista muito conhecida na Amazônia, Mara Régia, que mostrou a vida de Zenaide ao mundo.

Avaliando o texto, o conceito da primeira característica da estrela, que indica a necessidade de se potencializar para se produzir jornalismo literário, os recursos do

jornalismo, pode ser visualizada em diversos momentos, como no trecho a seguir em que a jornalista Eliane Brum mostra uma observação rigorosa e atenta aos fatos:

Zenaide é daquelas que se orgulham do partejar, gosta desse ato de receber a criança que é um mundo novo e apresentá-la ao mundo velho onde daqui pra frente ela vai fazer história. Já fez 244 partos, segundo sua contabilidade. O que a instala com honras na categoria das “parteiras finas”. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

Neste trecho pode-se perceber que a jornalista foi a fundo na sua análise da história de Zenaide, compreendendo o sentimento dela sobre sua profissão e sobre sua vida como parteira.

A segunda característica de Pena (2006) recomenda ultrapassar os limites dos fatos do cotidiano, da atualidade. Neste texto o tema já é diferenciado, pois, é muito raro meios de comunicação tratem destes tipo de assunto. Eliane conta a história de Zenaide em uma ordem cronológica dos fatos, desde que começou a ser parteira, as agressões sofridas e o reconhecimento que teve de uma radialista e de toda a sociedade em que atua. Nos trechos a seguir podemos visualizar esta categoria:

Maria Zenaide de Souza Carvalho é o nome completo dela. E ela já nasceu com 10 anos. É assim mesmo, não é engano. Parteira nasce no primeiro parto. Ela nem sabe, às vezes é menina que ainda nem botou sangue de mulher e, de repente, se descobre diante do mistério. Atendendo a um chamado que sempre se anuncia num alvoroço, o coração feito um passarinho que fere as asas de tanto bater no peito, querendo escapar porque é demasiada responsabilidade. E ela só tem as mãos. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

– Mara Régia é da rádio. Nunca ouviu, não? A gente aqui ouve ela tudinho. Comecei então meu aprendizado sobre Mara Régia e a Amazônia. Era dela uma das vozes que o povo mais ouvia na Rádio Nacional da Amazônia – especialmente a mulherada. Era também a sua voz que fazia uma ponte entre os vários Brasis contidos numa floresta em que a persistência da delicadeza em meio à brutalidade é ato de resistência. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

Em frases a descrita abaixo, em que Zenaide transmite sua experiência, visualizamos o olhar que Eliane entregou a esta senhora. Ela se deixou levar, se deixou olhar a fundo cada expressão, cada palavra que sua entrevistada expusesse, utilizando assim a terceira característica da estrela, que recomenda ter uma visão extensa da realidade:

“Eu tinha 10 anos e foi por necessidade. Não tinha quem assistisse. Quando eu vi aquela cabeça preta saindo, Jesus. Mas quando eu vi o nenê nascendo meu Deus foi a coisa mais linda. Dei conta de tudo. Depois que nasceu eu chorei foi tempo. Porque a arte de partejar é um dom maravilhoso que sempre aconteceu e que sempre vai existir”. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

Uma história contada em detalhes, como se Zenaide estivesse nos contando, e isso tudo foi através do olhar decidido de Eliane a buscar uma boa história da vida real.

A quarta característica, tida como uma das mais importantes por Pena (2006), a cidadania, é mostrada com relevância neste texto de Eliane, apenas pelo fato de ser uma história da vida real, com detalhes de uma história sofrida, proporciona aos leitores uma leitura que contribui para o desenvolvimento cultural do cidadão, que pode ver em textos como este que a vida não é só como a que ele vive, mas que há muitas e muitas histórias que podem nos conscientizar sobre vários assuntos. Podemos perceber esta característica neste fragmento:

É preciso compreender que o primeiro parto de uma parteira é sempre um duplo: marca o nascimento do bebê e também o nascimento da parteira. Quando ela corta o cordão umbilical com a tesoura ou com a flecha ou com a faca (ou com a unha ou com os dentes) é também da menina ou mulher que foi antes que se despede. É uma coisa meio misteriosa. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

Criatividade é a palavra para a quinta característica. Visualizamos essa característica em todo o texto, primeiramente pela ideia desta matéria, seguida pela condução durante a entrevista. O assunto foi tratado de uma maneira criativa, que segura o leitor até o fim. Ela fala no início da história como parteira e para trazer outro fato acontecido com personagem busca citações como esta “Aqui o fio da vida é interrompido por violência de homem”, dividindo o texto, deixando o leitor informado do que virá. No decorrer do texto a jornalista deixa conversas que vão ligando ao próximo acontecimento, que foi conhecer a radialista que reconheceu o trabalho de Zenaide. Ela trata tudo isso de maneira leve, podemos ver isso no trecho abaixo:

Quando finalmente conheci Mara Régia me admirei que uma voz que cobria a Amazônia, milhões e milhões de hectares de terra, água e (cada vez menos) floresta, coubesse naquela mulher baixinha, com uma risada que dava vontade de rir com ela só para não deixá-la desacompanhada. E quando ouvi a sua voz entendi o que o povo ouvia: era como chegar em casa. (Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum>> Acesso em: 01\09\2014.)

Evitar os entrevistados de plantão é o que a jornalista utilizou nesta matéria, e este é o conceito principal da sexta característica proposta por Pena (2006), e não poderia deixar de fazer parte desta matéria. Eliane fugiu da periodicidade, foi em busca de pessoas que tivessem um cotidiano diferente, afinal notícias prontas, rápidas, podem ser encontradas em qualquer meio de comunicação. Eliane foi em busca de fatos esquecidos. Ela deixou as fontes cômodas para encontrar algo que chamasse a atenção, como esta história real de Zenaide, a matéria foi construída totalmente a partir da entrevista com as duas mulheres e não houve a intenção de entrevistar médicos que questionassem o tipo de parto, ou institutos de estatística, enfim, matérias tradicionais que tratem desse assunto. A repórter em questão pretendeu oferecer o espaço disponível nessa matéria para destacar o trabalho da Zenaide.

A sétima característica do conceito proposto por Pena (2006), que identifica a necessidade de um texto literário ter perenidade, ficar na permanência, foi cumprida neste texto, por ele ter sido escrito em 2013 e continuar na permanência, sendo lido e discutido.

Matéria 3 – “A potência de Adelir”

A terceira e última matéria a ser analisada foi divulgada pelo site El País no dia 14 de abril de 2014.

Nesta publicação, Eliane Brum conta a história de Adelir, grávida, e muito pobre ela foi arrancada de sua casa pela polícia e levada ao hospital para ter sua bebê. Contra sua vontade a moça foi obrigada a fazer uma cesariana. Ao longo do texto é exposta a realidade que Adelir passou e a seguir é comentado sobre outras mulheres de todas as profissões que criaram comunidades e saíram às ruas para retomar o controle do seu corpo durante a gestação e mostrar que o parto normal não é uma crueldade.

Analisando a primeira característica do conceito de jornalismo literário proposta por Pena (2006), que tem por conceito potencializar os recursos do jornalismo porém, sem deixar de lado as técnicas do jornalismo diário, sobre o texto visualiza-se que Eliane potencializa os recursos do jornalismo, mesmo sem perder o foco do diário, pois, ela construiu um texto com uma observação atenta e rigorosa dos fatos. Visualizamos esta afirmação no trecho a seguir, pois, são episódios que aconteceram que Eliane contou de uma maneira mais próxima, ao falar dos sentimentos de Adelir:

Em seguida, ela foi obrigada a entrar numa ambulância. Se não entrasse, prenderiam seu marido, Emerson Guimarães, 41 anos, técnico em manutenção industrial. Apavorada, com contrações a cada cinco minutos, preocupada com o susto dos filhos pequenos, Adelir foi escoltada até o Hospital Nossa Senhora dos Navegantes. Lá, mais uma vez, foi obrigada por ordem judicial a deixar-se cortar. Contra a sua vontade, tiraram do seu útero, por cesariana, seu terceiro filho, uma menina. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

Nestes outros trechos podemos perceber que a jornalista foi a fundo abordagem, trazendo mais próximo do leitor a história:

Naquela madrugada, Adelir apagou as luzes e acendeu velas enquanto vivia as contrações do trabalho de parto. E então o barulho de pneus e motor de carros quebra a calmaria da zona rural. E então alguém se anuncia oficial de justiça e ostenta um papel tão poderoso que ela pode ser carregada de sua casa. Adelir espia e vê nove policiais. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

No caso de Adelir, era uma casa de madeira, parcialmente coberta por uma lona, porque ainda em construção. Quando sua filha, chamada de Yuja Kali, foi arrancada do seu útero, também foi uma invasão na madrugada. Quem já assistiu a uma cesariana sabe que é como arrombar uma porta e tirar de repente um bebê do único lar que conhece, jogando-o na luz e na temperatura de um mundo desconhecido e inóspito, em que ele fica longe do corpo da mãe que se recupera de uma cirurgia, submetido a uma série de procedimentos bruscos. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

Em várias partes do texto Eliane compõe ganchos diferentes para aproximar a história de diferentes tipos de leitores, por exemplo, Eliane comenta sobre mulheres de todas as profissões que saíram as ruas para terem direito a seus corpos na gestação, neste caso leitores que se identificam com este fato se aproximaram da história de Adelir. Outro gancho foi por a repórter ter tratado do assunto de mulheres terem o parto roubado pelo SUS e não poderem escolher como dar a luz a seu bebê. Estes ganchos diferenciados atizam leitores que se colocam no lugar de Adelir.

Como segunda característica está o rompimento de duas características do jornalismo diário, a periodicidade e a atualidade, ultrapassando os limites dos fatos do cotidiano. Apesar de Eliane ter trazido um gancho diferente para a matéria, contando a história de Adelir mais de perto, e trazendo outros fatos, a matéria era da atualidade, foi um fato que aconteceu uma semana antes da publicação da matéria. Foi um texto feito justamente pelo acontecido em 1º de abril de 2014, porém a abordagem se alinha mais a um contemporâneo que ao jornalismo diário.

Já a terceira característica, que é a visão extensa da realidade, uma visão ampla do mundo que nos cerca, foi descrita visivelmente no texto. Este trecho a seguir é um exemplo:

Quem já ousou enfrentar um diagnóstico médico, seja na rede pública ou na privada, sabe como essa é uma batalha penosa. Pode, inclusive, apalpar o tamanho da coragem de Adelir. Os médicos – em geral, mas sem esquecer de uma minoria que luta bravamente por relações mais horizontais e respeitadas – consideram-se os donos dos corpos. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

Sabemos bem o que significa uma mãe supostamente não proteger o filho numa cultura como a nossa, que coloca a infância no pedestal do futuro. Precisamos entender, portanto, o tamanho do rótulo que tentaram – e talvez consigam – colar em Adelir, assinalando ela e todos os seus filhos, especialmente essa, que acabou de nascer, para toda a vida. Se conseguirem impor esse estigma, a perversão é quase sem nome. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

Ela fala da realidade de dificuldades que muitas pessoas sofrem todos os dias em hospitais públicos. Com isso ela vai dando abordagens diferentes ao texto, para que ele atinja diferentes públicos. Eliane mostra que tem bagagem cultural para escrever a realidade e poder organizar as informações, isto fica visível nesta citação:

É fundamental lembrar que Adelir tinha todo o direito de questionar a decisão médica. Tinha porque essa é uma prerrogativa legal de qualquer pessoa. E tinha porque o Brasil é um dos líderes mundiais de cesarianas, um dos títulos que envergonha o sistema de saúde brasileiro. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15\09\2014.)

Pensando nisso a quarta característica também pode ser visualizada nesta história da vida real. Pois, o texto de Eliane possui cidadania, é um texto que informa o leitor da melhor forma possível e de vários ângulos, para que todos entendam e acrescentem a sua bagagem cultural. Isso para Pena chama-se “espírito público” (PENA, 2006, p.14). Esta característica pode ser percebida em trechos como este:

A sequência de atos produziu a cena brutal: Adelir, em trabalho de parto, arrancada de sua casa e, em seguida, alijada do seu corpo. Medicina e Justiça se uniram para submetê-la, tornando público aquilo que é privado. Não fosse nossos olhos viciados em aceitar procedimentos invasivos com naturalidade, quando se inscrevem no âmbito da medicina, ter a barriga cortada e a filha tirada do útero, contra a vontade, seria uma cena de tortura forte até para o cinema. Que isso tenha se passado no aniversário de 50 anos do golpe que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil é uma coincidência que pode provocar questões interessantes sobre as relações entre o Estado e os cidadãos na democracia. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15/09/2014.)

Verificando a quinta característica no texto, pode-se perceber a criatividade por parte da jornalista Eliane, pelo gancho que ela puxou para contar esta história. Provavelmente outros meios de comunicação, como por exemplo no site da Folha de São Paulo onde eles contaram a história de Adelir de uma maneira parcial, apenas a notícia:

O caso aconteceu em Torres (193 km de Porto Alegre). Após deixar o hospital Nossa Senhora dos Navegantes, contrariando orientação médica, Adelir Carmen Lemos de Goes, 29, foi levada de casa por policiais militares e conduzida à unidade, onde deu a luz à uma menina. (Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>> Acesso em: 30/10/2014)

Pode-se perceber, na análise do texto, que a repórter conversou com a personagem, verificou suas expressões, formou ser perfil. O texto vai contando a história da personagem principal, mas também engata outros assuntos que já aconteceram e se assemelham a este, como podemos ver a seguir:

Essa é uma mudança gigantesca. Nos últimos anos, milhares de mulheres no Brasil inteiro criaram fóruns de discussão, escreveram livros, fizeram filmes, produziram blogs, organizaram-se também institucionalmente para retomar a posse do próprio corpo na gestação e tirar o parto normal da marginalidade a que foi condenado pelo sistema de saúde brasileiro. Reabilitar o parto como ato natural e potente da mulher – e não como doença na qual os corpos são sujeitados a um outro. (Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a> Acesso em: 15/09/2014.)

A personagem deste texto com toda certeza não entra na lista de entrevistados de plantão, por este motivo é que a sexta característica está inserida neste texto. Eliane vai atrás do personagem propriamente dito, do verdadeiro, e não de listas oficiais, ela busca saber toda a história a fio, com detalhes, expressões, movimento e não uma entrevista engessada. Percebemos isso em frases como esta: “Adelir esperava encontrar uma equipe de saúde que respeitasse a sua escolha de ter um parto humanizado”, onde são expressas ideias do próprio personagem.

Por fim, a sétima característica, a perenidade não menos importante que as anteriores, está também presente no texto, pois, é um texto que não será esquecidos apesar da decorrência do tempo, ele ficará na permanência, lembrado e discutido.

4.1. Síntese da Análise

Após a análise das três matérias que compõem o corpus deste estudo, a partir da aplicação dos conceitos de Pena (2006), como foram utilizados pela jornalista em suas reportagens, percebeu-se que as características nominadas pelo autor na formação da Estrela de Sete Pontas aparecem de forma geral em todas as matérias. Alguns conceitos se destacam mais que outros nos textos. Como a primeira característica (potencializar os recursos do jornalismo), a característica três (visão extensa da realidade) e a característica sete (perenidade).

Na primeira matéria “O doce velhinho dos comerciais” e na matéria dois “A mulher que nasceu com 10 anos”, todas as características da estrela foram visualizadas em vários trechos.

Foi possível avaliar que na matéria 3 “A potência de Adelir” que o conceito que aponta ultrapassar os limites do cotidiano não foi utilizado pela jornalista pois, o fato era atual no momento em que foi feita a matéria.

As matérias foram lidas atentamente e as categorias foram analisadas nos três textos que formam esta análise. Ao final, depois de avaliar as matérias percebe-se que Eliane utiliza praticamente todos os conceitos de jornalismo literário da Estrela de Sete Pontas proposta por Pena (2006) em seus textos, ela os utiliza na produção deles.

Pode-se entender a produção da jornalista, como jornalismo literário, a repórter tem técnicas jornalísticas que se diferem das da mídia tradicional, ela prova que o jornalismo diferenciado pode sim mudar o olhar do leitor.

Visualiza-se no gráfico abaixo a porcentagem de aproveitamento da Estrela de Sete Pontas de Pena, com 100% estão as matérias 1 e 2 que obtiveram aplicação máxima, e com 90% vê-se a matéria 3 onde percebeu-se uma característica a menos:

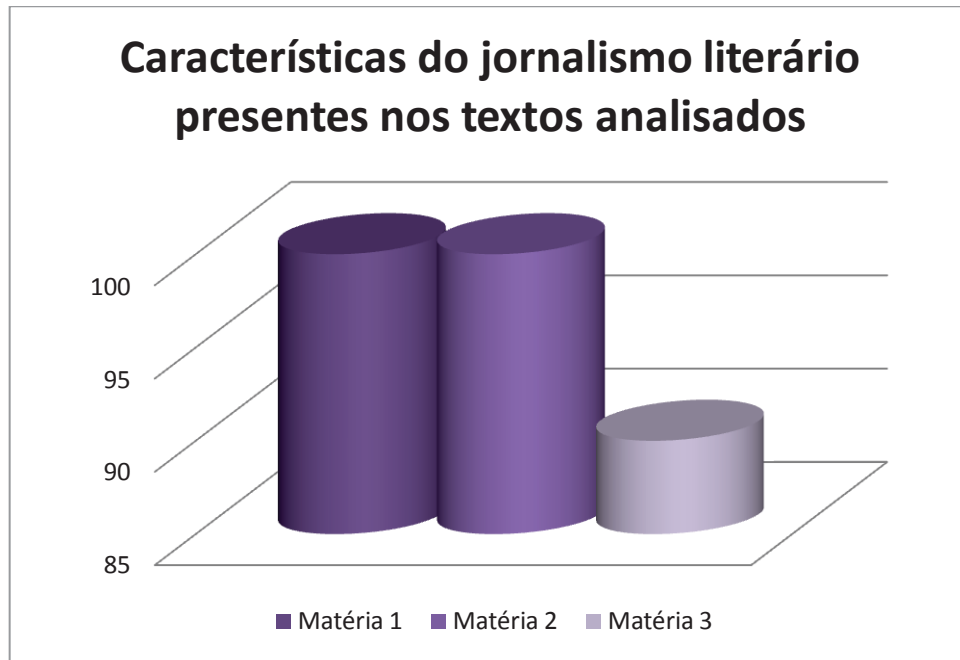


Figura 1- Características do jornalismo literário presentes nos textos analisados

Portanto, Eliane transforma assim os textos em matérias de fácil compreensão, com um olhar diferenciado, saindo do cotidiano, com cidadania, criatividade, sem personagens definidos e com uma permanência para toda a vida. Eliane se integra em uma realidade desconhecida faz um jornalismo baseado na investigação, utiliza técnicas diferenciadas fugindo do jornalismo convencional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou identificar através de uma análise de conteúdo, das três publicações escolhidas: uma história do jornal Zero Hora “A vida que ninguém vê”, posteriormente um texto escrito pela jornalista na Revista Época e por fim um texto do primeiro semestre de 2014 do El País, os conceitos ou identificar características do jornalismo literário a partir da definição de Felipe Pena (2006).

O tema foi selecionado pelo grande crescimento observado nos últimos anos da produção literária na escrita jornalística e pelo fato de jornalismo e literatura se distinguirem e se aproximarem, de maneira inevitável.

A partir da análise realizada, foi possível visualizar que a partir da aplicação dos conceitos de Pena (2006), como foram utilizados pela jornalista em suas reportagens, percebe-se que as características nominadas pelo autor na formação da Estrela de Sete Pontas aparecem de forma geral em todas as três matérias. Na primeira matéria “O doce velhinho dos comerciais” todas as características da estrela foram visualizadas em vários trechos. Na matéria três “A potência de Adelir” foi possível avaliar que o conceito da segunda característica que aponta ultrapassar os limites do cotidiano não foi utilizado pela jornalista, pois, o fato era atual no momento em que foi feita a matéria.

Ao final desta pesquisa é necessário destacar que as conclusões apontadas ainda precisam e merecem uma maior verificação. Pois, o resultado alcançado refere-se as matéria escolhidas, porem há muitas outras que podem conter dados relevantes para produção de jornalismo literário. E a pesquisa foi feita a partir da definição que é do Felipe Pena.

Eliane se opõe ao jornalismo convencional, ela não se deixa guiar pelas regras do jornalismo diário, ela faz um vínculo entre o indivíduo e a sociedade, fugindo das ancoras da redação. A repórter busca a observação, o contato, ela vai em busca da humanização, da sensibilidade de cada história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence, **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOAS, Sérgio Vilas, **Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo. Summus, 2007.

BORGES, Rogério, **Jornalismo Literário. Teoria e Análise**. Florianópolis. Insular, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Oeiras: Celta, 1997.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Arquipélago Editorial, 2006.

CASTRO, Gustavo, GALENO, Alex, **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo. Escrituras, 2002.

EL PAÍS. http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a/ Acesso em: 15/09/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. <http://www1.folha.uol.com.br/> Acesso em: 30/10/2014.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em Jornalismo**. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

HOFFMANN, Estela Maria, *Narrativas da Vida Real: O jornalismo literário nas reportagens de Eliane Brum*, 2010.

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1742-1.pdf> Acesso em 30/08/2014.

LIMA, Edvaldo, **Páginas Ampliadas. O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo, Edit.UNICAMP, 1995.

PENA, Felipe, **Jornalismo Literário**. São Paulo. Contexto, 2006.

PENA, Felipe, **Teoria do Jornalismo**. 2ed 4º impressão, São Paulo, 2010.

PENSADOR UOL. <http://pensador.uol.com.br/> Acesso em: 05/10/2014.

PORTAL DOS JORNALISTAS, <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9674>
Acesso em: 02\11\2014.

REVISTA ÉPOCA . <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/> Acesso em:
01\09\2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson, **Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são**.
Florianópolis, 2005.

WOLF, Mauro, **Teorias da comunicação**. Lisboa, Presença,1995.

ANEXOS

Anexo 1

Matéria 1 – “O doce velhinho dos comerciais”

Você já o viu. O doce velhinho dos comerciais. Cabelos de neve, barba de merengue e olhos azuis faiscantes. Um sorriso que parece refletir a paz que a humanidade sonha para o terceiro milênio. Desfiles, anúncios, comerciais de alimentos, de bancos, de companhias telefônicas. Toda vez que as produtoras precisam de um vovô amoroso, de um senhor idoso que alcançou a plenitude da vida com o rosto da saúde e da bonança, é a ele que procuram. O doce velhinho dos comerciais. Com um neto no colo, numa cadeira de balanço, de braço dado com uma avó ou simplesmente mirando o horizonte na certeza do futuro. Esse é o doce velhinho dos comerciais. Seu nome, David Dubin.

Você já o viu. Estava esquelético, as costelas esticavam a pele cinzenta. Foi torturado, arrastado pelo chão. Estava nu. Foi cuspidado, chutado, riram da sua cara. Arrancaram tudo dele. Enterraram vivos aqueles a quem amou. Conheceu o por do homem. Conheceu o impronunciável do homem. Você já o viu. Em filmes, em documentários, em fotografias de jornais e revistas. O que você não sabia é que seu nome também é David Dubin.

Esse é o mistério. Que David Dubin seja ao mesmo tempo aparência e sentença. Que seja ao mesmo tempo o doce velhinho dos comerciais e uma vítima destroçada do holocausto. Que seja o desejo do futuro e o espectro do passado. Que seja um passado que não viveu no mundo da imagem e um pretérito que não consegue esquecer no mundo real. Esse é o paradoxo de David Dubin. E o paradoxo de David Dubin é, com seu avesso de morte, a possibilidade da vida. Porque a vida só é possível quando cada um consegue, apesar de se holocausto pessoal, ser também o doce velhinho dos comerciais.

É isso. Ou um tiro na cabeça.

Foi um tiro na cabeça que David Dubin tentou naquele ano de 1944. Depois de vencer torturas e humilhações sem nome, ele chegou à cidade polonesa de Pinsk, que acabara de ser libertada. A cidade onde havia passado toda a sua vida. O primeiro a encontrar foi seu melhor amigo, seu vizinho de porta:

- David, como é que ainda não te mataram?

Foi assim que David descobriu que a guerra não acabaria. Estava no coração dos homens. Batendo de casa em casa, era um sobrevivente estropiado e quase louco de dor, perguntando pelos seus. Não achou nem casa. Nem família. De frases esparsas e temerosas reconstruiu o assassinato daqueles que amava.

Dos seis milhões de judeus sacrificados pela intolerância, 40 pertenciam à família de David, 40 tomaram em Pinsk. Entre eles, a mãe, a mulher Taibel e a filha Bluma (Florzinha, em português), de menos de um ano de idade.

David descobriu que foram abertas quatro valas em Pinsk, uma em cada canto da cidade. E que todos os judeus foram fuzilados. Todos os 30 mil judeus de Pinsk. E que muitos não morriam e já eram atirados nas valas. E sobre eles atirados outros. E morriam asfixiados. E muitos foram enterrados vivos. Primeiro pela massa humana, depois pela terra jogada por cima. Contaram a David que a terra tremia pelo desespero dos que ainda respiravam. E que por dias a fio o sangue brotava do chão. E, por mais que limpassem, a terra seguia parindo sangue porque estava ferida de sangue. E porque o sangue era muito.

Ali pisando sobre a vida assassinada, David descobriu que sua família não havia sido morta pelos nazistas. Eles haviam sido apenas mandantes. Sua família foi morta pelos melhores amigos, pelos vizinhos de porta. Pelos ucranianos e lituanos que dividiam seu bairro miserável. Os seus foram mortos por aqueles com quem conviveram por uma vida, com quem haviam trocado as boas e más notícias, padecido da mesma fome. Foi então que David pegou seu revólver e mirou-o na própria cabeça. Outro sobrevivente segurou o braço:

- David, tu lutaste, conseguiste sobreviver. Não sejas agora um covarde.

E então David Dubin escolheu a vida. E chegou aos 86 anos de idade com o coração de um sobrevivente do holocausto e a aparência de um doce velhinho de comerciais.

- Não sou eu que falo. É o meu coração. Falo com lágrimas. Falo porque não é esquecer a minha vingança. E o que será escrito é a minha arma. Não aceitei indenização. Não vão comprar a alma da minha família.

David Dubin conta sua história na sala do seu apartamento, em Porto Alegre, cercado por retratos do passado e do presente. Honesto, ele avisa que não contará toda a história. Porque nunca a contará completa. Porque há coisas que não devem ser ditas. E há tragédias que morrerão com ele. Porque David aprendeu há muito tempo que lembrar é viver de novo. E quando ele começa a contar, logo precisa parar, porque os olhos embaçam, o corpo treme e coração ameaça se abrir mais uma vez.

Outras vezes, a história é interrompida porque a moça da agência de modelos liga requisitando-o. Em seguida, é a vez da funcionária da produtora. Depois de contar sua trajetória de morte, David Dubin fez um comercial para uma rede de farmácias. Era de novo o doce velhinho dos comerciais.

A guerra de David Dubin tem bem mais de dois mil anos. E ele nasceu em muita má hora. Aos cinco anos, o pai foi fuzilado na Primeira Guerra. No intervalo entre uma e outra, David cresceu apanhando nas ruas por ser judeu, sem conseguir emprego por ser judeu, sem direito ao futuro por ser judeu. Sem conseguir casar com a mulher que amava porque era pobre demais. Sem sapatos, comendo um pepino ou um pão duro por refeição. Criado pelo avô, com a mãe e os três irmãos, num casebre da cidade polonesa de Pinsk.

Quando chegou a hora de cumprir o serviço militar, atiraram David na cavalaria. Porque não conhecia cavalos. Era o castigo por ser judeu. Aprendeu a domá-los à força de uma vontade de ferro, nascido do riso, das ofensas. Quando domou o primeiro, deixaram de chamá-lo “judeu” para chamá-lo Dubin. Foi assim, agarrado às crinas do bicho, que David soube que era um sobrevivente antes mesmo de começar a guerra declarada.

Quando estourou o combate, David lutou com as cores da Polônia. Foi feito prisioneiro com sua tropa. Divididos em filas: judeus de um lado, cristãos do outro. David decidiu salvar-se. Entrou na fila dos cristãos. Foi salvo pelos olhos azuis, os mesmos que hoje encantam nos comerciais de televisão. Depois, ele soube, a sua tropa de hebreus tinha sido castrada e fuzilada.

David Dubin batizou a si mesmo de Ian Krinstalski. Foi esse nome que carregou durante a guerra. A cada noite os arrancavam do galpão e os contavam. O décimo era fuzilado. David fugiu mais de uma vez. Voltou para Pinsk, ocupada então pelos russos, ao final de 1939. E se casou com o seu amor porque era um mundo sem tempo. E fizeram uma filha no meio da morte. Logo, em 1941, os alemães ocuparam a cidade.

David foi obrigado a fugir mais uma vez.

Fez trabalhos forçados na Sibéria, caminhou sobre os corpos de mortos, se alimentou de ratos. Alcançou a sua Pinsk e descobriu que tudo o que ele estava morto.

Quando guardou o revólver e escolheu a vida, David partiu para a Rússia. Lá conheceu Olga, uma judia cujo marido fora morto na guerra, e seus três filhos. Resolveu que ele, que jamais havia pronunciado a palavra pai, seria o pai daqueles meninos.

Porque órfãos, afinal, eram todo eles. Assim formaram a sua família de rebentados, colando a sobra de um na carência do outro, assim voltaram à Polônia e constataram que a guerra continuava fermentando nas entranhas dos homens. O escárnio não havia cessado, as portas seguiam cerrando na as cara e muitos achavam que seis milhões assassinados era pouco.

David Dubin decidiu escapar. Para algum lugar do mundo onde o dedo do racismo não apontasse para ele. Nem para os seus. Porque perder uma família era muito, perder duas era

impossível. Para conseguir passar a fronteira guardada, primeiro despachou as crianças em um trem carregado de órfãos para a Áustria. Dias depois, David jogou Olga pela janela de outro trem, porque dinheiro não tinham, e dependurou-se no vagão. Resgataram as crianças minutos antes que partissem para a adoção em terras distantes. E seguiram sua saga.

Anos depois alcançariam o Brasil. Quando desembarcaram no Rio de Janeiro, um judeu desconhecido os esperava no porto. Ofereceu um maço de cigarros. David Dubin chorou. Era a primeira vez em sua vida que fumava um cigarro inteiro. Não falava uma palavra em português, não tinha um tostão. De seu, só um passado que não poderia esquecer e uma família de sobreviventes.

Foi com isso, e com a coragem, que David Dubin iniciou a vida depois da morte. Montou uma fabriqueta de vestidos e começou o seu comércio em Porto Alegre, onde um irmão o esperava. Há quase 15 anos, o coração de Olga desistiu de bater. David seguiu sua existência. Canta em coral, faz mágicas, até pouco tempo dançava. Preside um grupo de terceira idade com o nome Viva a Vida. A cada aniversário reúne os cinco filhos, os oito netos, os quatro bisnetos e dezenas de amigos e parentes. Pede a Deus mais um ano de vida e convida a todos para a próxima festa. Porque um dia, num ponto remoto do passado, no outro lado do mundo, David Dubin decidiu que sua vingança era não morrer.

- Na vida, e preciso que isso seja compreendido, a gente acostume com o gosto doce e também com o amargo.

David Dubin, o doce velhinho dos comerciais, tem o gosto amargo da morte na boca. Um dos mais velhos sobreviventes do holocausto, ele contou a sua história à equipe de Steven Spielberg, que veio a Porto Alegre para ouvi-lo. Lembrar é viver de novo, ele já havia dito. Tempos depois da entrevista, o coração não suportou e foi resgatado com três pontes de safena. Enquanto era levado ao hospital, cantava velhas músicas do avô em iídiche.

- Os nazistas me surraram tanto que eu já não sentia mais dor. Pedia que me matassem porque tinha parado de sentir.

Tempos atrás, um médico aproximou-se com uma injeção. David saltou sobre ele. Só o soltou quando a seringa desapareceu de suas mãos. Dias atrás, deu uma palestra a estudantes. Quando olhou para a platéia, ela havia se transformado em um exército de nazistas. David começou a tremer.

David Dubin não pode esquecer. Nem contar tudo. Sua vida resume a tragédia da humanidade:

- Minha família foi morta pelos vizinhos de porta.

Uma frase que poderia ser dita agora por um palestino. É esse o drama que David Dubin não cansa de repetir. Mesmo que repita milhares de vezes, surpreende-se a cada uma. A mão que assassinou sua vida era a do vizinho de porta. A mão que assassinou sua família já havia apertado a sua. A mão do assassino era uma mão igual a sua. Esse é o horror. Essa é a parte para a qual não existe esquecimento.

David Dubin é o seu nome. Enquanto aparece nas telas de TV com seu sorriso doce, há um outro igual a ele que desperta à noite vendo sempre o mesmo filme de horror. Um e outro são o mesmo. David Dubin está vivo porque ambos são verdadeiros.

Esquecer não é possível, viver sim. David Dubin, o doce velhinho dos comerciais, ainda guarda o revólver que um dia apontou para a própria cabeça.

Anexo 2

Matéria 2 – “A mulher que nasceu com 10 anos”

... e uma outra que virou ponte.

– O que a parteira Zenaide mais queria na vida era reconhecimento.

É Mara Régia Di Perna quem dá a notícia, em tom de urgência.

– Quem é a Zenaide?, pergunto eu, agoniada de ignorância.

Mara Régia nem me conta, manda logo a voz de Zenaide contando de si.

Maria Zenaide de Souza Carvalho é o nome completo dela. E ela já nasceu com 10 anos. É assim mesmo, não é engano. Parteira nasce no primeiro parto. Ela nem sabe, às vezes é menina que ainda nem botou sangue de mulher e, de repente, se descobre diante do mistério. Atendendo a um chamado que sempre se anuncia num alvoroço, o coração feito um passarinho que fere as asas de tanto bater no peito, querendo escapar porque é demasiada responsabilidade. E ela só tem as mãos.

Só as mãos.

Com Zenaide foi assim: “Eu tinha 10 anos e foi por necessidade. Não tinha quem assistisse. Quando eu vi aquela cabeça preta saindo, Jesus. Mas quando eu vi o nenê nascendo meu Deus foi a coisa mais linda. Dei conta de tudo. Depois que nasceu eu chorei foi tempo. Porque a arte de partejar é um dom maravilhoso que sempre aconteceu e que sempre vai existir”.

É preciso compreender que o primeiro parto de uma parteira é sempre um duplo: marca o nascimento do bebê e também o nascimento da parteira. Quando ela corta o cordão umbilical com a tesoura ou com a flecha ou com a faca (ou com a unha ou com os dentes) é também da menina ou mulher que foi antes que se despede. É uma coisa meio misteriosa. E se olhar direito é bem um parto triplo, já que o bebê que nasce dá também à luz a uma mãe que antes não existia. Dali em diante parteira a menina será enquanto viver, porque esse ramo não é questão de gosto ou de escolha, pelo menos para as parteiras tradicionais que resistem no Brasil. De marido dá pra se separar, enviudar, filho próprio vai-se embora quando chega a hora, mas o partejar é pra sempre. Já ouvi história de parteira amputada, aparando menino com uma mão sã e outra invisível. Já vi parteira de 96 anos pedindo a Deus seu aposentamento, mas Deus não dava.

Zenaide é daquelas que se orgulham do partejar, gosta desse ato de receber a criança que é um mundo novo e apresentá-la ao mundo velho onde daqui pra frente ela vai fazer história. Já fez 244 partos, segundo sua contabilidade. O que a instala com honras na categoria das “parteiras finas”. É ela quem explica: “Parteiras finas são aquelas com mais de 30 partos, pra quem nunca aconteceu de uma mulher morrer ou de perder uma criança. E a grossa é aquela que só fez um parto, dois ou três, e às vezes acontece alguma coisa nas mãos dela. Eu tô colocada como parteira fina porque fiz 244 partos e nunca perdi uma criança”. Zenaide diz ainda que a parteira é amiga da dor, porque “quando a mulher tá com dor, a parteira bota a mão em cima e a dor passa”. Aqui o fio da vida é interrompido por violência de homem. Interrompido num dia específico: 15 de novembro de 2004. Era a festa de aniversário de Marechal Thaumaturgo, cidade rasgada numa quina do Acre, lá onde o Brasil vai virando Peru. E onde vive Zenaide na Rua do Cemitério, um endereço ao contrário para quem só faz é nascer. O aniversário de Marechal Thaumaturgo estava sendo comemorado atrasado e Zenaide nem tinha ganas de ir, desgostosa de ajuntamento de gente. Mas o filho ia se apresentar, insistiu, e ela foi. Lá pelas tantas sentiu sede e foi perguntar na casa de uma avó com 103 anos se tinha água fria na geladeira. Tinha. Quando ela se preparava para despejar a água o homem veio lá de dentro e era bem conhecido. “Já foi tirando minha roupa. Era uma monte de gente que tinha lá e ninguém disse nada. Eu puxava a calça pra cima, ele puxava pra baixo com calcinha e tudo. Ia deixando eu nuazinha no meio do povo. Aí me deu uma ira, e eu o empurrei com essa mão aqui lá na parede. E aí pronto, não achei que ele fosse me bater. Mas aí um homem disse: ‘Dona Zenaide, lá vem um murro’. Ia acertar na minha nuca, se eu não tivesse desviado aquele murro tinha me matado. Aí pegou meu olho, saiu muito sangue, empapou a blusa, foi a maior dor que eu senti na minha vida inteira. Na hora não, na hora não senti coisíssima nenhuma. Mas 24 horas depois, quando deu o derrame, eu arranquei a roupa todinha, fiquei nua, fiquei doida. Deu hemorragia no rosto inteiro, fiquei com o rosto todo preto. O sangue coalhou no rosto, minha irmã. E não tinha (a lei) Maria da Penha ainda, depois é que formou a Maria da Penha. Meu Deus do Céu, se tivesse Maria da Penha! Dois meses e meio preso, pagou 15 mil reais e saiu. Quem quiser se afastar de homem agressivo, se afaste, porque depois que ele bate, neguinha, nem Maria da Penha não faz voltar a vista da gente ou qualquer outro órgão que a gente tenha. Porque os órgãos da gente têm um valor muito grande, principalmente a vista. A vista é uma vida, uma vida. Eu não ando mais só, não atravesso rua só. Não posso mais andar só pelos cantos. Tanta vontade que eu tenho, porque

sou decidida, já andei esse Brasil todinho, e agora só posso viajar como especial.” Zenaide seguiu partejando porque há nas parteiras uns olhos que ficam nas mãos. Ela agora dá um nó cego no fio partido pela violência do homem, amarrando as pontas da vida, e canta assim: “Vamos dar valor a essas parteiras.../São elas que estão espalhadas a trabalhar/Dentro dos municípios do Vale do Juruá/Quando chega aquele dia e a hora da precisão/ Ela logo se apressa e segue na direção./Anda quatro, cinco horas com seus pezinhos no chão/Muitas vezes até doente e sem alimentação/ Que o dinheiro que ela ganha não dá pra comprar o pão”. Interrompe a cantoria pra comentar: “Como é que vai dá, né, se não ganha nada, né? Parteira trabalha voluntariamente, sem nada. Vai, passa a noite acordada... E ainda fica dois dias pra cuidar da mulher”.

É neste ponto que Zenaide pede reconhecimento. Ela não pede pão, não pede vestido, não pede nada de comprar ou vender, mas expressa esse desejo feito de uma matéria mais delicada. Zenaide deseja que o Brasil saiba dela, ela que hoje enxerga o Brasil com um olho só. Que o Brasil reconheça as mulheres que dão à luz a um naco grande do Brasil, atendendo ao chamado a pé, no lombo do jegue, remando a canoa, às vezes atravessando o rio a nado – muitas vezes com fome. Reconheça as mulheres anônimas, invisíveis, que ajudam a desembarcar no mundo entre 15 mil e 20 mil crianças a cada ano, com suas mãos sofridas e um conhecimento antigo, sem que isso se traduza em direitos. E reconheça a ela, Zenaide. – Queria mesmo que eu fosse reconhecida. Porque sei que eu não custo mais a morrer. Porque nossa vida (aqui) é 60 anos, e eu tô com 55. Reconhecer é o que faz Mara Régia, a mulher-ponte. Ela é do tipo que o nome chega antes, muitas curvas de rios, igarapés, cachoeiras e corredeiras da Amazônia antes. Foi assim que eu a conheci, a lenda antes da mulher. Eu trilhava a Transamazônica em busca de histórias nos anos 90. E só sabia daquele mundo novo onde botava meu pé pela primeira vez o que tinha lido nos livros. Porque vinha do Rio Grande do Sul e não sabia de nada tive a ousadia não apenas de desconhecer Mara Régia, como de confessar tal heresia. Nos fundos de um travessão, a mulher morena, arretada que só, me perguntou:

– Conhece Mara Régia?

E eu, a incauta:

– Que Mara?

A mulherzinha botou as duas mãos na cintura e me reduziu a pó:

– Mara Régia, existe outra?

Achei até que ia puxar a cadeira que tinha posto pra eu me sentar. Passei meus conhecimentos em revista, rodei todos os programas no meu cérebro e a única “Régia” que eu conhecia era a Vitória. Vi na cara dela que minha ignorância seria tomada como ofensa e poderia me custar a entrevista. Nessas horas, eu só tenho uma estratégia: assumir logo minha burrice e, com humildade, pedir esclarecimento. Foi o que fiz:

– Peço mil desculpas, mas não sei quem é Mara Régia.

Disse pensando que se tratava da mulher do prefeito, da benzedeira, de alguma ilustríssima da comunidade. Com esse nome... Arrisquei:

– Mara Régia mora aqui perto?

Aí a mulher ficou com pena. Abriu uma boca que até ouro tinha para rir não comigo, mas de mim.

– Mas que repórter bem boa você deve ser, hein, mulé. Mara Régia vive lá onde você vive, não sabe? Mas é como se fosse de minha família!

Embasquei. Teria sido mais prudente eu dizer que não conhecia o Pelé. O marido, mais bonzinho, veio em meu socorro:

– Mara Régia é da rádio. Nunca ouviu, não? A gente aqui ouve ela tudinho. Comecei então meu aprendizado sobre Mara Régia e a Amazônia. Era dela uma das vozes que o povo mais ouvia na Rádio Nacional da Amazônia – especialmente a mulherada. Era também a sua voz que fazia uma ponte entre os vários Brasis contidos numa floresta em que a persistência da delicadeza em meio à brutalidade é ato de resistência. Brutalidade esta tantas vezes praticada – ou permitida – pelo próprio Estado, ontem como hoje. Quando compreendi

que Mara Régia era uma mulher-ponte me emocionei. Entendi que a mulherzinha arretada de mãos na cintura, num quilômetro abandonado de (mais) um megaprojeto abandonado depois de promover morte e destruição, fazia um esforço para encontrar em mim alguém que ela pudesse reconhecer.

Quando finalmente conheci Mara Régia me admirei que uma voz que cobria a Amazônia, milhões e milhões de hectares de terra, água e (cada vez menos) floresta, coubesse naquela mulher baixinha, com uma risada que dava vontade de rir com ela só para não deixá-la desacompanhada. E quando ouvi a sua voz entendi o que o povo ouvia: era como chegar em casa. Tão íntima em forma de rádio que dona Maria do Boiadeiro contou lá no Pará: “Mara Régia, já te salvei tantas vezes das águas...” Como assim? “Quando eu tô lá na ponte ensaboando a roupa te boto lá falando. De repente tu escorrega no sabão e tenho de correr pra te salvar da correnteza.”

Mara Régia vai alinhavando a floresta e apalpando o povo com as orelhas no programa “Natureza Viva”, que completa 20 anos nesta quarta-feira, 29 de maio. A cada domingo, das 8h às 10h, ela vai tecendo um conceito de “sustentabilidade” socioambiental a partir das experiências concretas de ribeirinhos, extrativistas, pequenos agricultores e indígenas. Porque sustentabilidade é um conceito que vai tomando uma forma meio esquisita na boca de alguns políticos e empresários que gostam mesmo é de floresta defunta, é palavra que vai sendo torturada aqui e ali para significar às vezes o seu oposto, até o ponto que se esvazia de significado e sentido, de tão gasta que foi pra não dizer nada. Ao trazer as vozes de quem vive a floresta e, mais do que vive, é a floresta, Mara Régia faz um tipo de milagre de gente e devolve carne à palavra, que fica viva de novo. Ao contar a história de Zenaide no “Natureza Viva”, a parteira atravessa o Vale do Juruá e navega pelas Amazôniaas todas. Ainda assim, Mara Régia fica aflita, não esquece, se preocupa. E a mulher-ponte me alcança porque Zenaide merece reconhecimento e é preciso contá-la a outros Brasis antes que seja tarde. Me despacha então a voz da parteira, para que eu possa dar aqui um ponto, um pontinho só, para cerzir esse rasgo na costura do mundo, que é a ignorância de um pedaço do Brasil sobre o Brasil que é Zenaide. As pontes existem – e existem até as mulheres-pontes. Uma pena que ainda são poucos os que querem atravessá-las. Não apenas para reconhecer o outro lado, mas para se reconhecer no olho cego de Zenaide.

Anexo 3

Matéria 3 – “A potência de Adelir”.

Na madrugada de 1º de abril, dois poderes, a Medicina e a Justiça, produziram uma cena histórica no Brasil. Nela, uma mulher em trabalho de parto, Adelir Lemos de Goes, 29 anos, foi arrancada de sua casa, na zona rural do município gaúcho de Torres, por um oficial de justiça e policiais armados. Em seguida, ela foi obrigada a entrar numa ambulância. Se não entrasse, prenderiam seu marido, Emerson Guimarães, 41 anos, técnico em manutenção industrial. Apavorada, com contrações a cada cinco minutos, preocupada com o susto dos filhos pequenos, Adelir foi escoltada até o Hospital Nossa Senhora dos Navegantes. Lá, mais uma vez, foi obrigada por ordem judicial a deixar-se cortar. Contra a sua vontade, tiraram do seu útero, por cesariana, seu terceiro filho, uma menina. Naquela madrugada, Adelir descobriu que dois espaços que considerava privados, invioláveis, tinham sido invadidos no meio da noite: sua casa, seu corpo. Ao amanhecer, Adelir não pertencia sequer a si mesma.

Antes de se perfilar de um lado ou outro desse campo, a favor ou contra Adelir, é preciso tentar alcançar o que essa mulher sentiu, já que também nós costumamos nos sentir seguros em casa. Mesmo que a casa seja um barraco numa zona de risco, é pela certeza de um lugar no mundo que se luta, às vezes arriscando a própria vida. No meio da noite, uma casa torna-se ainda mais importante, como garantia de refúgio diante do temor atávico da escuridão. No caso de Adelir, era uma casa de madeira, parcialmente coberta por uma lona, porque ainda em construção. Quando sua filha, chamada de Yuja Kali, foi arrancada do seu útero, também foi uma invasão na madrugada. Quem já assistiu a uma cesariana sabe que é como arrombar uma porta e tirar de repente um bebê do único lar que conhece, jogando-o na luz e na temperatura de um mundo desconhecido e inóspito, em que ele fica longe do corpo da mãe que se recupera de uma cirurgia, submetido a uma série de procedimentos bruscos. Para Adelir e a pequena mulher que gerou, ambas arrancadas à força de suas casas, foi uma longa noite de horrores.

Naquela madrugada, Adelir apagou as luzes e acendeu velas enquanto vivia as contrações do trabalho de parto. E então o barulho de pneus e motor de carros quebra a calma da zona rural. E então alguém se anuncia oficial de justiça e ostenta um papel tão poderoso que ela pode ser carregada de sua casa. Adelir espia e vê nove policiais. O que, com aquele barrigão, ela poderia ter feito de tão errado para ser alvo de uma força de repressão daquele tamanho,

tão rara nas ruas de Torres, mais ainda no interiorzão? Para que tantos homens armados diante de uma mulher barriguda?

Essa é uma pergunta interessante: o que tornou Adelir tão perigosa, de repente? Que poder tão nevrálgico ela desafiou para mover tantas autoridades durante a noite? O que, de fato, ela estava ameaçando, para mobilizar uma demonstração de força dessa ordem?

É preciso voltar ao dia anterior. Em torno das 15h de 31 de março, Adelir foi ao hospital com a doula Stephany Hendz, assistente treinada de parto, que acompanhava a sua gestação e a acompanharia no nascimento do bebê. Adelir tinha feito o pré-Natal no sistema público de saúde. Ela vinha de duas cesarianas, que considerava desnecessárias, e tinha buscado informações, leituras e grupos de apoio para ajudá-la a, dessa vez, ter um parto normal. Depois de examiná-la, a médica disse-lhe que, como a criança estava em posição pélvica (sentada) e ela já tinha feito duas cesarianas, precisava se submeter, de imediato, a mais um procedimento cirúrgico. Se não o fizesse, haveria risco de romper a cicatriz, causando a morte dela e do bebê.

Adelir não aceitou. Ela sabia que, nessas mesmas condições, muitas mulheres no Brasil e fora dele tiveram seus filhos por parto normal. Seu bebê estava bem, ela estava bem. Assinou um termo de responsabilidade e deixou o hospital. Tentaria um outro, em Santa Catarina, já que Torres está próxima do município catarinense de Araranguá. Adelir esperava encontrar uma equipe de saúde que respeitasse a sua escolha de ter um parto humanizado.

Ao dizer “não”, Adelir tornou-se perigosa. Como uma mulher, usuária do SUS, moradora da zona rural, recusa-se a cumprir a ordem de uma doutora? Como ela ousa escolher o que considera melhor para ela e para seu bebê? Não como uma inconsequente, mas como alguém que se preparou para o parto, informou-se, contratou uma doula para ajudá-la? Nem mesmo quando botam um termo de responsabilidade diante dela, sempre assustador para todos e mais ainda para os pobres, Adelir recua. Ela assina. E vai para casa continuar a se preparar para dar à luz sua filha.

Porque é uma irresponsável, como teria dito uma das médicas? Não é o que parece. O que se torna claro no comportamento de Adelir é que ela tem a coragem de se responsabilizar. E se responsabilizar é ser mãe. Adelir, nesse momento, já é mãe da sua filha. Ao decidir só aceitar a cesariana se a equipe de saúde comprovar que é de fato necessária, ela está decidindo o que é melhor para ela e para a filha que há nove meses acolhe, alimenta e cuida, com quem há nove meses convive dentro da sua barriga. Do seu corpo. Ao dizer “não” à médica, Adelir está protegendo sua filha.

Quem já ousou enfrentar um diagnóstico médico, seja na rede pública ou na privada, sabe como essa é uma batalha penosa. Pode, inclusive, apalpar o tamanho da coragem de Adelir. Os médicos – em geral, mas sem esquecer de uma minoria que luta bravamente por relações mais horizontais e respeitadas – consideram-se os donos dos corpos. Não só do deles, mas do meu e do seu. A medicina como um poder capaz de normatizar os corpos é uma construção social e histórica, com capítulos fascinantes. Para quem se interessar, há uma vasta bibliografia a respeito. Aqui, o que vale assinalar é que o gesto de Adelir não é banal. O significado de sua recusa é enorme. Na tentativa de preservar a escolha que considerava melhor para ela e para a filha, sem saber, Adelir, essa extraordinária mulher comum, moveu placas tectônicas.

É fundamental lembrar que Adelir tinha todo o direito de questionar a decisão médica. Tinha porque essa é uma prerrogativa legal de qualquer pessoa. E tinha porque o Brasil é um dos líderes mundiais de cesarianas, um dos títulos que envergonha o sistema de saúde brasileiro. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que a cesariana é necessária em no máximo 15% dos casos. No Brasil, as cesarianas representam mais da metade dos nascimentos. Na rede privada, ultrapassam os 80%. Esse dado é sempre repetido, pouco enfrentado, porque serve a vários interesses mercadológicos. Também porque a cultura da cesariana está entranhada nos profissionais da medicina, a começar pelas universidades em que são formados. Considerada mais prática e rápida, mais adequada à sociedade de consumo, a cesariana é a primeira opção, quando deveria ser a última – sem que os riscos de uma cirurgia e desse nascer com hora marcada, antes que o bebê esteja de fato pronto, seja sequer avaliado como prioridade.

Adelir sabia disso. Ela mesma se considerava vítima de duas cesarianas desnecessárias. Basta conversar com mulheres grávidas para perceber que o medo de serem enganadas por seus médicos é um fator de estresse presente durante toda a gestação, que se aprofunda no momento em que a hora do nascimento se aproxima. Qualquer um que se dispuser a escutar mulheres que sonhavam com um parto normal e tiveram uma cesariana ouvirá que, perto do fim da gravidez, os médicos deram uma justificativa supostamente científica para determinar a cirurgia. Por medo de confrontarem-nos e colocarem seu bebê em risco; ou mesmo serem abandonadas, como alguns médicos ameaçam; por sentirem-se frágeis num momento tão delicado; porque é muito difícil se contrapor a um doutor que diz que seu bebê “poderá entrar em sofrimento se não fizer uma cesariana”, elas aceitaram a cirurgia e tiveram seu parto roubado. Se todas as desculpas usadas para fazer cesarianas no Brasil fossem de fato

justificativas embasadas e escolhas corretas, o Brasil não exibiria as estatísticas que nos envergonham. Ou seria preciso fazer uma investigação sobre o que haveria de errado com o corpo das brasileiras, que já não conseguiriam parir seus bebês pelo método natural.

É possível questionar se, no caso de Adelir, a cesariana não era mesmo necessária. Se o que aconteceu com ela não teria sido dificuldade de aceitar seus limites, incapaz de abrir mão do seu desejo por um parto normal. Se Adelir não teria tido um surto de onipotência, tão comum no nosso tempo em que supostamente tudo pode. Mas não parece ser esse o caso. Mais tarde, Adelir diria ao jornal Zero Hora: “Não era uma questão de vaidade. Era uma questão de saúde. Eu nunca descartei a cesariana, mas queria que essa fosse a última alternativa”.

Não sou favorável a demonizações, elas costumam empobrecer o debate. As médicas que deram início ao processo de sujeição de Adelir estão inscritas numa tradição da medicina que dá ao médico o poder de controlar os corpos. Talvez sequer tenham questionado as relações produzidas por essa ideologia algum dia – ou mesmo tenham suspeitado de que precisassem questionar. Mas, ainda assim, podemos supor que também para elas tenha sido uma decisão angustiante, que também para elas não foi e não tem sido fácil ter obrigado uma mulher a se submeter a uma cirurgia, com todos os riscos de uma cirurgia, contra a sua vontade, e arrancar um bebê do seu corpo. Talvez elas tenham ficado com medo de serem responsabilizadas se algo acontecesse com Adelir e seu bebê. Talvez não tenham sido ensinadas a conduzir um parto normal nessas circunstâncias. Talvez, nesse quadro, só soubessem fazer uma cesariana.

Acho difícil acreditar que quisessem o mal de Adelir e sua filha. Obviamente, essas ponderações não as eximem da responsabilidade por seus atos. Mas, se quisermos avançar nesse debate, é preciso olhar pessoas como pessoas. Nem Adelir é uma heroína, nem as médicas, o promotor e a juíza são vilões. Nem as médicas, a juíza e o promotor são heróis, nem Adelir é uma vilã. Duas narrativas opostas que se digladiam nas redes sociais como se a vida fosse fácil assim.

O fato, aqui, é que as médicas Andreia Castro e Joana de Araújo mostraram-se incapazes de aceitar a escolha de Adelir. Buscaram na justiça os meios para impor sua decisão de fazer uma cesariana. Pediram ajuda para restaurar seu poder que, com uma recusa, Adelir tinha esvaziado. A justificativa: preservar a vida da mãe e do bebê, em risco iminente. No início da noite de 31 de março, o promotor de Justiça Octavio Noronha foi contatado pela Secretaria de Saúde de Torres. Por volta das 23 horas, entrou com a ação. Meia hora depois, a juíza Liniane Maria Mog da Silva deu a liminar.

A sequência de atos produziu a cena brutal: Adelir, em trabalho de parto, arrancada de sua casa e, em seguida, alijada do seu corpo. Medicina e Justiça se uniram para submetê-la, tornando público aquilo que é privado. Não fosse nossos olhos viciados em aceitar procedimentos invasivos com naturalidade, quando se inscrevem no âmbito da medicina, ter a barriga cortada e a filha tirada do útero, contra a vontade, seria uma cena de tortura forte até para o cinema. Que isso tenha se passado no aniversário de 50 anos do golpe que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil é uma coincidência que pode provocar questões interessantes sobre as relações entre o Estado e os cidadãos na democracia.

A partir desse momento, esses dois poderes – a Medicina e a Justiça – constroem uma narrativa para Adelir, que pretendem impor como história única. Ela seria a mulher ignorante e irresponsável que botou em risco a vida da própria filha por conta de um capricho. Dessa construção mais elaborada para uma outra, a da “louca que tentou matar o próprio bebê”, foi só um clique nas redes sociais. É essa a mensagem de uma decisão – e de uma ação – como essa. Sabemos bem o que significa uma mãe supostamente não proteger o filho numa cultura como a nossa, que coloca a infância no pedestal do futuro. Precisamos entender, portanto, o tamanho do rótulo que tentaram – e talvez consigam – colar em Adelir, assinalando ela e todos os seus filhos, especialmente essa, que acabou de nascer, para toda a vida. Se conseguirem impor esse estigma, a perversão é quase sem nome.

No passado bem recente teria sido fácil impor essa história única sobre Adelir. No passado bem recente talvez Adelir não tivesse ousado discordar de um médico. Essa é uma mudança gigantesca. Nos últimos anos, milhares de mulheres no Brasil inteiro criaram fóruns de discussão, escreveram livros, fizeram filmes, produziram blogs, organizaram-se também institucionalmente para retomar a posse do próprio corpo na gestação e tirar o parto normal da marginalidade a que foi condenado pelo sistema de saúde brasileiro. Reabilitar o parto como ato natural e potente da mulher – e não como doença na qual os corpos são sujeitados a um outro. São mulheres de todas as profissões, e também médicas, cientistas, enfermeiras, parteiras e doulas. Nesses espaços, mulheres de todos os cantos do país e do mundo trocam informações como, num passado mais distante, antes que esse conhecimento fosse destituído pelo saber médico, consultavam mães, tias e avós. Quando necessário, promovem manifestações e atos públicos em favor do parto humanizado – e contra a violência obstétrica. Essa rede tem sustentado simbolicamente Adelir e difundido uma narrativa que se contrapõe à outra, a da mãe desnaturada que precisou ser levada pela polícia ao hospital para fazer uma cesariana para salvar o bebê. A hashtag “SomosTodasAdelir” ganhou representação nas redes

sociais. Na sexta-feira (11/4), foram promovidos atos públicos em várias cidades brasileiras, denunciando o que aconteceu com Adelir como violação de direitos, violação concreta do corpo. Nessa narrativa construída nas redes sociais e nas ruas, Adelir é uma mulher violada pelo Estado.

Em São Paulo, dezenas de mulheres, muitas delas com bebês de colo, outras com barrigão de grávida, passaram a noite em vigília diante da universidade de direito mais tradicional do estado, no Largo São Francisco. Mulheres com diagnóstico semelhante ao de Adelir revezavam-se no microfone, na manhã de sábado, enquanto bandejas com pedaços de bolo passavam, como se estivessem numa visita de tia. Com a filha de 5 anos pela mão, Luka Franca, 28 anos, contou como, depois de três horas e meia de trabalho de parto, conheceu a menina pelo bumbum, já que ela estava sentada. “Vi aquele bumbumzinho roxo em formato de coração, parecia um picolé de desenho animado”, comparou, toda emocionada. “Esta é a Rosa. Mesmo estando sentada, ela nasceu com cabeça”, brincou. Tatiana Ubinha anunciou: “Depois de três cesáreas desnecessárias, eu rompi com o sistema”. Teve o quarto bebê, que carregava no colo, de parto normal, e está grávida do quinto. Natalia Tribeck contou que fez parto normal depois de duas cesáreas: “Descobri que meu corpo não era falho, o que era falho era o sistema”.

Na tentativa de desqualificá-las, muitos chamam essas mulheres de “as loucas do parto normal”. Poderia ser um elogio, não fosse o fato de que a tarja de “louca” sempre serve, a quem a coloca num outro, como uma desculpa para não escutar o que este tem a dizer. Sempre que as mulheres reivindicam a posse do seu corpo, ou são “loucas” ou são “vagabundas”. Seguidamente, os dois. Quando lutam por protagonismo e autonomia, em especial na gravidez, a estratégia é transformá-las em “exageradas”, “fanáticas”, “histéricas”. E, assim, tentar esvaziar seu discurso. Nesse embate, de novo essa tática ficou clara.

Adelir não é uma ativista dessa causa. Apenas uma mulher que ousou sonhar com um parto normal – aspiração ambiciosa no Brasil das cesarianas.

Desde que o caso se tornou público, visões se digladiam em artigos que defendem a necessidade ou não da cesariana de Adelir, ora com argumentos médicos e científicos, ora com argumentos jurídicos. Essa discussão é importante. Mas apenas se as causas que fizeram do Brasil um dos líderes mundiais de cesarianas forem de fato enfrentadas pelo poder público e pela sociedade, para além das intenções e do marketing eleitoral. Esse debate é tão acirrado porque, além dos poderosos interesses de mercado, o que está em disputa é algo muito mais profundo: o controle sobre o corpo das mulheres.

De qualquer modo, seja qual for a posição de cada um nesse debate, é preciso pactuar que há algo muito errado com os sistemas de saúde e de justiça de um país quando a única solução encontrada é arrancar uma grávida de sua casa no meio da noite e forçá-la a fazer uma cesariana. Há algo muito grave acontecendo com os representantes desses poderes quando defendem que uma violência como essa é legítima.

Nesse sentido, vale reproduzir aqui a frase estarrecedora do obstetra Corintio Mariani Neto, secretário da Associação de Obstetrícia e Ginecologia do Estado de São Paulo (Sogesp), em entrevista à *Folha de S. Paulo*:

- Ainda bem que alguém com bom senso entrou na justiça para resguardar a vida dela e do bebê. Se mais (juízes) agissem assim, o médico estaria mais protegido para trabalhar com gestantes.

O grifo é meu. Quando um obstetra e representante de uma entidade de obstetrícia defende que é preciso a intervenção da justiça (e por consequência da polícia), para que médicos trabalhem com mulheres grávidas durante o parto, é hora de parar tudo e rever os princípios. Inclusive os nossos, já que a declaração não causou nem um décimo da estranheza que deveria.

Adelir Lemos de Goes foi violada pelo Estado. Nos seus direitos, no seu corpo. Arrancaram-lhe não só a filha do útero, mas também a esvaziaram de poder em um dos momentos mais radicais da vida de uma mulher. Submeteram-na, coagiram-na. Por ser sujeito e reivindicar seus direitos, ela foi reduzida pela força a um objeto de intervenção médica e jurídica. Mas, Adelir, eu gostaria de dizer a você: que enorme potência teve o seu “não”.